



2022

**SOMOS
MUITAS!**

DIÁLOGOS
VOL. 02

Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura
e Instituto Tomie Ohtake apresentam: Somos Muitas! -
Um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo,
Syn Prop Tech e Unigel.

2022

SOMOS MUITAS!



PATROCÍNIO

PARCEIROS INSTITUCIONAIS DO
NÚCLEO DE CULTURA E PARTICIPAÇÃO



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

REALIZAÇÃO



Pronac: 203086

Acessos

+ Áudios da publicação



+ Podcasts Somos Muitas!



+ Vídeos pílulas Somos Muitas!



Sumário



Clique e ouça

- + No Instituto Tomie Ohtake e na cultura brasileira Somos Muitas!** _____ 05
por Carol Tonetti
- + Somos Muitas! Um projeto de contação de histórias** ____ 09
por Vera Nunes
- + Equipe Somos Muitas** _____ 13
por Dara Roberto, Renata Araújo e Ananda Vieira
- + Introdução** _____ 17
- + Sonho e Produção** _____ 23
por Regina Rosa (Florianópolis)
- + Gestão e o Social** _____ 39
por Elaine Hazin (Salvador)
- + Audiovisual Indígena como registro autoral** _____ 49
por Priscila Tapajowara (Santarém)
- + Cultura Alimentar proteção e resgate de valores** _____ 65
por Tainá Marajoara (Belém)
- + Capacitação em tempos Digitais** _____ 85
por Aniké Pellegrini (Belo Horizonte)
- + Ficha Técnica** _____ 99

CAROL
TONETTI



Clique e ouça

Carol Tonetti, nascida em São Paulo, é arquiteta e urbanista, doutora em Projeto, Espaço e Cultura pela FAU/USP e diretora do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake. É professora na Escola da Cidade desde 2003, onde foi responsável por reestruturar os currículos da sequência disciplinar de Meios de Expressão e, hoje em dia, coordena o Estúdio Vertical da graduação e o curso de pós-graduação *lato sensu* Arquitetura, Educação e Sociedade, voltado à formação de professores. Atua nos campos da arquitetura, da arte e do ensino, explorando as potencialidades das práticas espaciais na pesquisa, na produção tridimensional e nas articulações dos espaços urbanos com seus diversos agentes socioculturais. Sua produção entrecruza sua atuação com O Grupo Inteiro, formado em 2014. Entre as propostas e projetos realizados mais recentemente, destacam-se: pesquisa e expografia da X Bienal de Arquitetura de São Paulo; Condutores, no MASP e no Sesc Interlagos; Manejo, em colaboração com Jorge Menna Barreto, na 32a Bienal de São Paulo; Campos de Preposições, em parceria com a Central Saint Martins/UAL (Londres), no Sesc Ipiranga; Contracondutas; Biblioteca Casa do Povo - Arquivo Vivo; Obstáculo e Teia, para A Marquise, o MAM e nós no meio, no MAM-SP; Correspondência, para o Pro-Helvetia/FAR/Collègede Marens (Suíça); Campos de Invisibilidade, no Sesc Belenzinho; a representação do MSTC na Bienal de Arquitetura de Chicago; a pesquisa DNOCS - Drought, Nurturing, Orós, Caatinga, Sertão, com bolsa do Het Nieuwe Instituut; e a Metacozinha da Casa do Povo.

NO INSTITUTO TOMIE OHTAKE E NA CULTURA BRASILEIRA SOMOS MUITAS!

O Instituto Tomie Ohtake é um centro cultural sem fins lucrativos com ampla programação gratuita que transborda a qualidade de suas exposições para, a partir das atividades do Núcleo de Cultura e Participação, oferecer um rico programa educativo, um conjunto de premiações voltadas ao reconhecimento da produção contemporânea nos campos da educação, da arte, da arquitetura e do design e um conjunto de projetos socioculturais.

Os temas contemporâneos e transversais às múltiplas linguagens articuladas pelas exposições e pelos projetos desenvolvidos pela equipe do Núcleo de Cultura e Participação configuram um lugar singular para que se possa produzir questionamentos com a sociedade e para ela, procurando amplificar sentidos que estabeleçam diálogo e acolham um público cada vez mais diverso.

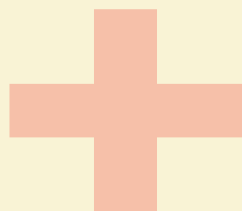
O Projeto Somos Muitas! se inscreve nesse contexto e nos implica de modo direto na reflexão sobre nossas práticas cotidianas e sobre o que é pensar, produzir e gerir projetos. Trata-se de um processo coletivo que envolve inúmeras colaboradoras para o mapeamento, a escuta, a pesquisa e a reflexão sobre modos de fazer cultura neste país diante das complexidades e dos desafios que o setor nos apresenta.

O resultado desta segunda edição encontra-se aqui reunido em textos que refletem a interlocução entre esta instituição e artistas, curadoras, pesquisadoras, produtoras e gestoras de todo o Brasil, mulheres que, como nós, ocupam este campo e o transformam para abrigar expressões, interações, espontaneidades e participação de pessoas diversas. Agradecemos a todas a dedicação e a oportunidade de troca.

Acompanhar de maneira próxima processos de criação, apoiar a experimentação, proporcionar processos formativos e reverberar essa produção de conhecimento por meio de publicações como esta é um modo de expandirmos os trânsitos entre dentro e fora de uma instituição cultural, ocupando os espaços e debates que desejamos fortalecer.

Carol Tonetti

Diretora do Núcleo de Cultura e Participação



VERINHA NUNES



Clique e ouça

Verinha Nunes, mãe da Bia, da Alice e da Nina, companheira do João, especialista em gestão de projetos pela Universidade de São Paulo (USP), com graduação em eventos culturais, atua há 20 anos na área da cultura e com projetos de impacto social. Ela foi uma das primeiras mulheres produtoras de arte urbana em São Paulo e tem em sua trajetória muitas das produções de murais da cidade, com destaque para *Nina e a Serpente*, do artista Apolo Torres, *Sobre Nós*, de Robinho Santana, *Mulher Correria*, de Carolina Fôlego, e *Pindorama*, de Rimon Guimarães para a Converse. Além disso, Verinha fez as curadorias do FestAr, primeiro festival de realidade aumentada de São Paulo, e do Festival Feira Preta; também se dedicou à produção e à realização do Obra, primeiro festival internacional de grafite, da exposição Caravaggio, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), da exposição Lothar Charoux, na Caixa Cultural, do Festival Casa Levis, do Festival de Cinema de Parati, da Virada Cultural, entre tantos outros eventos e projetos. Nessa longa caminhada, é bastante ativa nas diversas linguagens da cultura independente e já atuou como coordenadora de público e diversidade no Theatro Municipal de São Paulo. Atualmente, é coordenadora dos Projetos Socioculturais no Instituto Tomie Ohtake e é dela a Daterra Cultural, produtora especializada em projetos e políticas culturais há uma década. Recentemente, tem se dedicado ao projeto Gentilização, que produz arte com impacto social.

SOMOS MUITAS! UM PROJETO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A definição de cultura que melhor define os processos de gestão e desenvolvimento de minha atuação como Coordenadora de Projetos Socioculturais no Instituto Tomie Ohtake fundamenta-se na proposta de Garcia Canclini, segundo o qual, "Cultura é o conjunto de processos materiais simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social". Assim, todo o processo da produção cultural passa por essa ótica político-social, do ponto de vista de cada indivíduo, de cada povo e de cada território, entendendo-se a cultura subalterna como válvula propulsora dos fazeres artísticos, compreendidos no âmbito cotidiano, como nos ensina a professora Nazaré Ferreira.

Esse fazer cultural, desenvolvido a muitas mãos de maneira afetiva e amadora (no entendimento literal da palavra, "feito com amor"), muitas vezes por artistas que, pela lógica da escassez, precisam se autoproduzir ou entram na profissão motivados por amor, por um parente próximo, um amigo, e sempre pelo viés do cuidado, da demonstração do fazer artístico como respiro da vida. Essa característica é ainda mais marcante para as mulheres, que desde sempre são educadas e condicionadas ao cuidar. Seguindo esse pensamento, em que somos produtoras em potencial e fazedoras de cultura por

vocação, encontramos na produção cultural brasileira a possibilidade de fruição, não só da cultura e da arte, mas também da possibilidade da realização de sonhos coletivos, da busca por dignidade social e financeira e do esperar novos mundos.

Essa produção cultural feita à mão, intuitiva e amorosa, atualmente busca espaço de crescimento. Tal qual a planta que renasce em meio ao cimento duro, estamos em um difícil resgate do acidente político que nos últimos quatro anos nos privou de políticas públicas, trabalho, renda e dignidade profissional com a extinção do Ministério da Cultura, somado a uma pandemia que nos fechou em casa e gerou ausência de arte e fazer culturais, nos resumindo à dor e à escassez. E em meio a esse cenário nada motivador, criamos projetos de lideranças femininas, entre eles o **Somos Muitas!**, que representa esse respiro para continuar o enfrentamento e trazer perspectiva de horizontes.

Visto que esse desafio foi enfrentado bravamente por tantas fazedoras de cultura, que gerem, produzem e pulsam o setor cultural em âmbito nacional, ampliamos nesta edição a faixa etária para comportar mais e mais mulheres nesse caldeirão de ideias e possibilidades de re-existência. Aumentamos a capilaridade por meio da curadoria criteriosa de mulheres autorrepresentativas, para que essas vozes ecoassem de territórios, entendimentos, saberes e corpos diversos. Diversificamos também a linguagem e a estética do projeto, ao ampliar os "produtos" advindos dessa ideia com as aulas síncronas, os vídeos que ficarão gravados para consultas no *site*, a publicação e o *podcast*, ampliando ainda mais o

acesso e democratizando nossa profissão, nossos assuntos e, principalmente, nossas histórias.

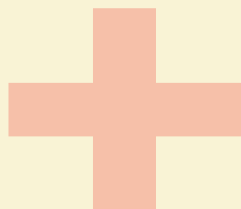
O Somos Muitas! é um projeto de contação de histórias. Histórias de mulheres pulsantes, que inspiram outras mulheres pulsantes a continuarem a esperar um novo mundo, uma nova forma de fazer, juntando-se a outras e fazendo diferente, como nos ensina Paulo Freire.

Bora nos esperar, porque a luta não está no fim.

Vamos continuar!

Vera Nunes

Produtora cultural, mãe e Coordenadora de Projetos Socioculturais



Somos Muitas! faz parte do Programa de Lideranças Femininas do Instituto Tomie Ohtake, desenvolvido pelo Núcleo de Cultura e Participação por meio do eixo de Projetos Socioculturais e integrado por mulheres potentes que validam a força do projeto por meio de suas trajetórias e visões de mundo.

Sob o ponto de vista da coordenadora adjunta dos Projetos Socioculturais, Dara Roberto, duas ferramentas são fundamentais para um trabalho realmente propositivo e para o bom desenvolvimento das funções que compõem a produção cultural. Primeiramente, uma equipe diversa em formação, vivências e perspectivas; em segundo lugar, caminhar pela interdisciplinaridade nos campos artístico e cultural para ampliar o repertório e a atuação dessas profissionais. Tendo em vista esses dois pontos fundamentais, foi proposta essa diversificação de profissionais, de linhas de atuação e de trajetórias para compor os conteúdos do Somos Muitas! 2022.

Renata Araújo, coordenadora do programa Somos Muitas! desde a primeira edição em 2021, se alegra e reforça a importância da continuidade dos projetos culturais, principalmente os realizados com incentivos fiscais, seja por instituições culturais como o Instituto Tomie Ohtake, seja por projetos desenvolvidos por inúmeras produtoras independentes que entram no mercado após participar do Somos Muitas! Quando se fala em sustentabilidade e democratização, esperam-se resultados positivos como o desse projeto, que desde 2021 já impactou mais de 1500 mulheres de todo o Brasil, reverberando ações e novos projetos. Renata acredita, ainda, que esse formato deixa um legado para a produção cultural,

em que diariamente uma demanda é transformada em uma possibilidade de transformação social.

Ananda Vieira, cria de um projeto de formação em produção cultural em moldes parecidos, por sua vez, desenvolveu assistência à produção e estabeleceu comunicação direta com as participantes da formação, mantendo o canal real e flexível, permitindo a elas que esclarecessem dúvidas em relação aos conteúdos, fizessem reflexões e realizassem interações com as demais mulheres participantes. Dessa forma, a troca de conhecimentos foi incentivada entre as gerações e demais características plurais. Ananda chega ao final dessa jornada com a concepção formada de que a produção já faz parte das mulheres por causa de seu senso de organização e cuidado com a totalidade, já acostumadas a serem responsáveis por inúmeros feitos. Ela acredita no crescimento das forças femininas em bloco, em que a saída é sempre coletiva, afinal, Somos Muitas!

Todo o pensamento dessa equipe se reflete nos conteúdos produzidos ao longo da edição 2022, por meio de videoaulas, podcasts, vídeo-pílulas e esta publicação, que apresenta encontros de trajetórias e vivências para somar, multiplicar e tornar mulheres fortes para a eterna luta que é trabalhar com cultura.

Equipe Somos Muitas!

Dara Roberto

Coordenadora Adjunta de Projetos Socioculturais

Renata Araujo

Coordenadora do Programa Somos Muitas!

Ananda Vieira

Assistente de Produção do Programa Somos Muitas!



Clique e ouça

DARA
ROBERTO



Dara Roberto tem 26 anos, é moradora do Jardim Brasil, na Zona Norte de São Paulo, bacharela em Lazer e Turismo pela EACH/USP e produtora cultural com foco em pesquisa, produção e gestão. Dara idealizou e produziu de maneira independente as seguintes ações: Pagobreja, evento para a promoção do lazer social por meio do samba; Artistas Vivos, projeto para valorizar as produções artísticas, culturais e intelectuais das periferias da cidade de São Paulo; e Festival Mulungú, difusão e potencialização cultural territorial. Foi articuladora territorial da Zona Norte no campo cultural em 2019 e, em 2020, fundou sua produtora, a Ukindi Produções. Atualmente está como coordenadora adjunta de Projetos Socioculturais no Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake. Além disso, realizou uma pesquisa sobre como as barreiras de acesso ao lazer e a ausência de políticas públicas impactam nas juventudes negras do Jardim Brasil, em São Paulo. Dara é comprometida com as questões raciais, fazeres artístico-culturais, participação cidadã e entusiasta das políticas públicas e culturais.

RENATA
ARAÚJO

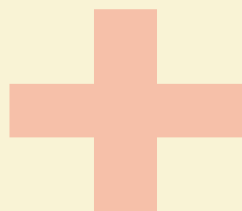


Renata Araújo é atriz, advogada, produtora e gestora cultural. É formada em Teatro pelo Senac-SP e pós-graduada em Gestão de Projetos pela ECA/USP. No Instituto Tomie Ohtake, é coordenadora do Programa Somos Muitas! e do Projeto Arte e Sabor. Fundou em 2010 a empresa Impacto R, que desenvolve projetos que visam formar um público de olhar crítico e estético apurado, em diversos segmentos da produção cultural. Desenvolve atividades ao lado de grandes nomes do meio artístico e foi coordenadora de produção do Museu Afro Brasil, coordenadora do Programa Cultura Viva Municipal, diretora geral da Fundação Theatro Municipal de São Paulo, diretora dos Centros Culturais e Teatros Distritais do Município de São Paulo e membro do Conselho Administrativo da SPCine.

ANANDA
VIEIRA



Ananda Vieira tem 25 anos, é produtora cultural e amante da dança. Graduada em Lazer e Turismo pela EACH/USP, iniciou seus trabalhos na cultura como integrante de um grupo de danças urbanas criado pela Fábrica de Cultura, no Parque Belém, em que circulou com espetáculos e batalhas pela cidade de São Paulo, principalmente na Zona Leste. A partir de um curso de produção cultural desenvolvido na Ocupação Cultural Mateus Santos, em Ermelino Matarazzo, conheceu o Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, coletivo responsável pela gestão da Ocupação, no qual fez parte do núcleo de produção por dois anos. Em 2020, passou a trabalhar na produção do mesmo curso de que foi cria, o Projeto Criando Criadores, sendo responsável pela articulação territorial e produção artística. Atuante em produções e projetos de produção artística musicais e socioculturais, segue na produção cultural de maneira independente, com ideológico na prática de ações que dialoguem (em sua maioria) com territórios descentralizados e a comunidade local, além de ser pesquisadora na área do desenvolvimento territorial a partir do acesso ao lazer e à cultura de forma digna. No Projeto Somos Muitas, do Instituto Tomie Ohtake, atuou como assistente de produção, desenvolvendo o trabalho burocrático e a comunicação direta com as participantes da formação.



INTRODUÇÃO



Clique e ouça

Somos Muitas! é uma formação virtual em arte e produção cultural voltada, prioritariamente, a jovens mulheres negras, periféricas, indígenas, LGBTQIA+, com deficiência ou em situações de vulnerabilidade de todo o Brasil e está em sua segunda edição.

O projeto surgiu em 2021 como um dos primeiros projetos do Instituto Tomie Ohtake com abordagem totalmente virtual, ampliando o poder de alcance das atividades territorialmente e numericamente, resultando na continuidade de suas atividades em 2022.

Como na primeira edição, a formação incluiu atividades práticas, de leitura e de escuta, por meio de vídeos, *podcasts*, experiências virtuais conduzidas por artistas e produtoras dos campos da arte e da cultura, além de plantões de dúvidas. Na edição deste ano foram selecionadas mais de 600 mulheres participantes de diferentes cidades do Brasil.

O programa foi desenvolvido em cinco módulos de formação:

Arte Contemporânea Nacional e Internacional, com conteúdo elaborado por Mirella Maria;

Cultura e Sociedade, com conteúdo elaborado por Luíla de Paula, Neon Cunha e Isa Meirelles;

O Papel das Instituições Culturais, com elaboração de Marília Bonas;

Elaboração de Projetos Culturais, conduzido por Daniele Torres;

Comunicação em Projetos Culturais, elaborado por Adriana Brandão.

Durante o projeto, com início em 7 de outubro e encerramento em 5 de novembro de 2022, cada orientadora convidada desenvolveu o conteúdo por meio de videoaulas pré-gravadas e atividades síncronas.

No módulo Arte Contemporânea Nacional e Internacional, convidamos para a atividade síncrona Mayara Carvalho; para O Papel das Instituições Culturais, contamos com a participação da Diretora de Desenvolvimento Institucional e Governança do Instituto Tomie Ohtake, Gabriela Moulin; em Elaboração de Projetos Culturais, uma fala foi compartilhada com a produtora Regina Rosa; e no módulo Comunicação em Projetos Culturais, contamos com a participação de Luciana Medeiros.

Para o *podcast*, a Coordenadora do Programa Somos Muitas!, Renata Araújo, conversou com produtoras, gestoras e com Ricardo Ohtake, Presidente do Instituto Tomie Ohtake, sobre desafios, legados, entre outros assuntos em uma abordagem afetiva. Participaram dos podcasts: Dara Roberto, Kelly Adriano, Kelly Castilho, Luciana Viegas, Priscila Gama, Regina Rosa e Verinha Nunes.

O canal de comunicação com as participantes continua sendo o site <https://somosmuitas.institutotomieohtake.org.br>, onde as participantes acessam no Portal da Aluna o conteúdo em videoaulas e indicações de textos para leitura.

Além das atividades síncronas, foi possível dirimir dúvidas em três plantões de dúvidas, em que foram abordadas questões sobre produção de artes visuais, artes de rua, produção teatral, musical e de dança e projetos socioculturais. Esses encontros

proporcionaram redes de troca e aprimoraram os conhecimentos das participantes.

Também foram produzidos cinco vídeos complementares com Aniké Pellegrini, Elaine Hazin, Priscila Tapajowara, Regina Rosa e Tainá Marajoara. Eles foram divulgados nas plataformas digitais do Instituto Tomie Ohtake.

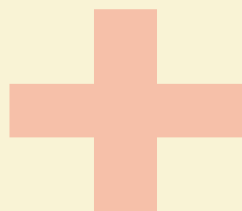
Os processos conduzidos contribuíram para a formação de mulheres artistas, produtoras e empreendedoras culturais. Além disso, as participantes tiveram oportunidade de conhecer trajetórias inspiradoras e possibilidades de escolha de vida dentro do campo da arte e da cultura, ampliando seu repertório de conhecimentos, referências e experiências artísticas e culturais.

Mais uma vez, os principais legados do programa foram a promoção de uma consciência política sobre as desigualdades, os direitos e os processos de transformação social e a criação de espaços de troca de experiências e de formação de redes entre as participantes.

Somos muitas formas de multiplicar, compartilhar e inspirar mulheres de todo o Brasil nessa jornada pautada nos princípios da produção cultural. E, nesta publicação, partindo de um recomeço para o mundo da produção cultural, temos o desdobramento de explicações, curiosidades e provocações com essas mulheres que se destacam em suas áreas e que, em comum, tratam da transformação de dificuldades em possibilidades.

Iniciamos o caminho pelo esperar de Paulo Freire e seguimos viagem pelo Brasil. Iniciando

com a fala potente da moradora de Florianópolis, Regina Rosa, sobre “Sonho e Produção”; continuando a caminhada com o compartilhamento de “Gestão e o Social”, de Elaine Hazin, direto de Salvador; partindo para um panorama sobre “Audiovisual Indígena como Registro Autoral” de Priscila Tapajowara, de Santarém; indo para uma visão sobre “Cultura Alimentar: Proteção e Resgate de Valores”, de Tainá Marajoara, em Belém; e finalizando com uma reflexão sobre “Capacitação em Tempos Digitais”, de Aniké Pellegrini, que vive atualmente em Belo Horizonte.



REGINA ROSA



Florianópolis




Sonho e Produção



Clique e ouça


No texto a seguir, oriundo de entrevista feita com Regina Rosa no começo de outubro de 2022, ela compartilha seu olhar afetuoso para a produção, a arte e o sonho, partindo de sua experiência e seus exemplos. Por ele, vamos transitar pela história da produção cultural sob a perspectiva de uma profissional que tem a esperança e a certeza de que, no final, tudo dará certo.

“Eu tive um sonho e usei todas as oportunidades para realizá-lo e compartilho aqui a construção desse sonho. Peça a peça. Eu tenho a honra de pertencer a uma família com uma longa linhagem de empregadas domésticas nordestinas que vieram da Bahia para São Paulo ou para o Rio de Janeiro. Traziam na bagagem a força da mulher nordestina e a ideia de um futuro melhor para si e para os filhos. Minha mãe foi uma dessas mulheres com tantas histórias. Sozinha e semianalfabeta, ela foi para São Paulo trabalhar. Para mim, elas traziam o que elas tinham de melhor dentro de si e a força do trabalho feminino, que movimenta o mundo.



Minha mãe usou os recursos que tinha para concretizar seu sonho de ter uma vida melhor. Por meio de seu trabalho, seu sorriso e sua força, me deu a possibilidade de ser o que eu quisesse ser. Dessa maneira, entendi que a educação seria o melhor caminho para alcançar sonhos. E até para ter sonhos. E trabalhar para realizá-los! Hoje em dia, sou mulher, negra, com uma trajetória na área cultural. São 30 anos de história.

Eu sempre gostei muito de gente. E sempre digo que eu gosto de pessoas, de abraçá-las, de conversar e de trocar com elas. A minha mãe me diz que, desde pequena, eu dizia que queria trabalhar em um escritório fazendo muita coisa e atendendo pessoas.



O meu primeiro trabalho registrado foi em uma empresa pequena, na recepção. Eu atendia as pessoas no balcão e respondia a telefonemas. Esse sonho foi sendo alimentado e foi crescendo. Depois, eu fui trabalhar em um escritório de contabilidade; mais tarde, no balcão de atendimento de uma escola. Dali fui para uma multinacional trabalhar como secretária, saí como assistente de marketing e fui seguindo.


Já com 26 anos, resolvi cursar uma faculdade. Entre as opções de cursos, a que mais me interessava era a de Relações Públicas – que tem tudo a ver com a produção cultural. Dediquei-me aos estudos e passei na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), enquanto ainda trabalhava na multinacional. Entretanto, para cursar essa faculdade, eu teria que desistir do trabalho, pois as aulas eram no período de manhã. Fui atrás do financiamento para alunos na época e consegui os

recursos. Posteriormente, pedi transferência para a Universidade de São Paulo (USP).


A cada emprego e a cada trabalho, absorvia as oportunidades do ofício, o conhecimento daquele trabalho, me esmerava para aprender com as pessoas e ia colecionando conhecimento prático. Sempre acreditando que cada trabalho me prepararia para o futuro, mesmo sem saber muito bem o que seria. Sabia apenas que queria trabalhar com uma profissão que fizesse a diferença no mundo. Eu gostava de arte e de música, mas não entendia como isso poderia ser uma profissão.

Com essas vivências, em uma viagem me deparo com a sorte – e estava absolutamente preparada! Fui convidada a trabalhar para o coral da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), o Cuca Coral, do TUCA, como secretária. Minha função seria organizar a papelada, marcar concertos e fazer a relação do coral com a Universidade. Foi essa a minha porta de entrada para a cultura. Trabalhava à tarde na PUC e, pela manhã, estudava Relações Públicas na ECA-USP. Trabalhei com o coral de 1991 a 1993. Essa foi a oportunidade que eu precisava para trabalhar profissionalmente com arte, um sonho que eu vinha alimentando há algum tempo.

Durante esse período, encontrei pessoas que me possibilitaram entender o teatro, a música, as artes plásticas e fui colecionando esses contatos e esse conhecimento. Saí da PUC e comecei a trabalhar como freelancer na área de produção. Encontrei meu caminho! Agora o sonho tinha corpo e forma.



Chegou em um determinado momento da minha carreira em que eu queria unir teoria e prática. Quase dez anos depois de começar a trabalhar na área de produção, eu volto para a universidade para fazer especialização na pós-graduação em gestão de projetos culturais. Esse tema estava em voga na época, mas havia muitos questionamentos: o que era gestão de projetos culturais? Quais são os pensadores que auxiliam na construção de uma produção cultural? Não era só a prática, o dia a dia, mas tratava-se de abrir os horizontes e entender a arte e seus conceitos, e qual era o meu papel nesse movimento.



A partir daí mudei toda a minha visão. Voltando para Universidade, entendi o papel social da cultura, da arte e do produtor cultural. Assim, pude dimensionar a importância do trabalho de criação de pontes para valorizar a cultura e a arte brasileiras. Mas como eu conseguiria conciliar a produção e essa gestão social? Como eu conseguiria colocar isso dentro dos meus trabalhos? Nesse ponto, a Universidade foi importantíssima, porque pude construir esse conhecimento a partir da troca com as diversidades e o respeito na sala de aula. Várias formas de enxergar, de atuar e de vivenciar a teoria e a prática. Um dos meus grandes mestres foi o professor Dennis Oliveira.

Nesse processo, entendi que a produção precisa ter um outro olhar para transformar problemas em soluções. Costumo dizer que produção é solução. Se eu me pergunto 'como é que eu vou conseguir fazer isso?', várias facetas podem interferir, influenciar e fazer a arte acontecer. A arte acontece, a cultura acontece independentemente de políticas públicas,

de governos, como vimos ao longo de toda a história, mas em especial entre os anos 2018 e 2022.

Vamos voltar para 1991, quando iniciei na área de produção. Não existiam universidades, não existiam cursos. Aprendia-se na prática. A indicação de seu nome para uma grande produtora era o caminho. Às vezes se pagava para aprender. A observação e muito trabalho rendiam outras indicações (ou novos trabalhos) e assim o seu nome era construído. Eram tempos em que o conhecimento e a experiência tinham importância, fruto de um contexto geral. A partir de 1998, mais ou menos, começaram a falar sobre marketing cultural, gestão cultural.

E o que era gestão? Nessa época, abriram-se alguns cursos, em especial no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), sobre produção. Eles entenderam que a produção cultural era um universo que estava crescendo, com tendência a uma profissionalização das produções, e que havia muitas pessoas interessadas. Eu participei desse primeiro curso do Sebrae sobre gestão de empresas voltado para a área cultural. Tinha um número enorme de pessoas procurando por essa formação. No curso se falava de plano de negócio, mas os idealizadores ainda não tinham conseguido entender que cultura era um outro tipo de negócio. Era um negócio cujo objetivo era fazer as pontes para realizar sonhos.

Quando eles reuniram esse público todo no curso, davam uma geral do que era um plano de negócios. Mas há muitos planos de negócios e são conceitos complicados. Para as pessoas da área cultural, era

uma linguagem difícil de digerir. Mesmo assim, foi uma grande experiência para mim.

A partir desse primeiro contato com a formalização e a gestão da empresa, eu comecei a pensar na importância delas para obter mais independência e constância de projetos, além de ter a minha marca. Esse foi o início de uma gestação. Os cursos me ajudaram a passar por uma série de aprendizados práticos, sempre tentando adaptar à minha realidade.

Em 2004, eu precisei efetivamente abrir minha empresa, porque fui indicada para trabalhar com o Centro Cultural Banco do Brasil. Nesse momento, precisei reunir os vários trabalhos que realizei ao longo da minha vida, como secretária, como assistente de marketing, na contabilidade e o conhecimento apreendido no Sebrae, para materializar um sonho.

Anos depois, participei da primeira turma de um projeto internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV) chamado 10 000, um curso da Goldman Sachs voltado para capacitação de empreendedoras. Nele, precisei fazer um plano de negócios que orientou meu olhar a fim de reconhecer onde eu estava e onde queria chegar. Também refleti sobre qual trajeto seguir, entender o meu papel social e como fortalecer as parcerias. Juntar forças para conseguir sonhar juntos. Ganhar dinheiro é uma consequência do trabalho, da organização e da vontade em chegar onde se almeja. Metas, objetivos e persistência são importantes, mas o trabalho que você faz é muito mais. Quando entendi que o meu trabalho é importante para mim, quando percebi todo o sonho que fui construindo

aos poucos e percebi a minha trajetória, eu, como mulher preta, entendi que me preparei para chegar onde estava, que aquele era o meu lugar, lugar que sonhei, idealizei e trabalhei para alcançar. Entendi a importância do meu trabalho para mim e para os que estavam à minha volta.

Quando você não ouve os que dizem 'não vai dar certo', 'mude de área', 'vai trabalhar com outra coisa'; e diz para si mesma: 'eu gosto do que faço, eu amo o que faço, é importante para mim e para outras pessoas'. Gostar do que você faz é o princípio de tudo. Porque não passa a ser apenas um negócio, não se torna apenas uma empresa, você não fica enfiado, não se torna apenas uma maneira de sobreviver. Vira a sua vida. Portanto, fazer o que gosta é o princípio de tudo. Esse sentimento é o que me move no planeta.

Fazer o que gosta alimenta a alma, o espírito, o corpo, o coração. O seu olhar se modifica, você se posiciona, você se direciona e caminha rumo àquilo que quer. E a cada etapa você vai se nutrindo de informações, de formações e vai seguindo. Os desafios vêm. Se você está forte, com os pés no chão, sabendo e dominando o que faz, porque você gosta daquilo que faz, nada vai lhe demover do caminho, nada vai lhe fazer cair. Todos os tropeços vão servir de alerta e direcionar o caminho. Acredito nisso e vivi isso a vida toda.

Tudo o que vier, em especial esses desafios, me movimentaram a seguir em frente e contribuíram para eu entender o que aconteceu, por que aconteceu, a voltar e a continuar. Porque fazer o que se gosta é o caminho para conquistar o mundo que se deseja alcançar. É entender, olhar, ampliar o

olhar e sempre pensar: como eu posso conseguir?
Esse pensamento é o que vai nos movimentando.

Eu trabalho da seguinte forma: eu tenho uma ideia, que é um sonho, e eu começo a alimentar esse sonho. Eu gosto de partir daquilo que eu não sei, porque é um grande desafio. Se não sei sobre determinado assunto, ou artista, ou dança, ou música, ou cinema, então eu começo a estudar o tema e a construir um projeto, que eu chamo de sonho.

Identifico, nesse momento, quem poderia estar comigo. Discuto com pessoas importantes para mim e pergunto o que acham da ideia. Ouço, troco e começo a construir o projeto, no papel, em que ficam registradas as primeiras impressões. Vou buscando as fontes e, o que era sonho, vai criando raízes. Vou encontrando as pessoas que vão compartilhar comigo a ideia e a construção desse sonho. **Para partir de um sonho à realização é preciso um trajeto, que depende do encontro com as pessoas, do compartilhamento de informações, do armazenamento de informações e de encontrar os meios para dar vazão à essa ideia, a esse seu sonho.** É preciso refletir sobre: quais públicos você quer atingir? Com quem você vai falar? Quais empresas vão colaborar para você construir esse sonho? E estudar o perfil dessas empresas. A construção vem caminhando com o crescimento da ideia inicial. Essa construção acontece a partir dessa ideia.

Durante o estudo do projeto você encontra as formas para realizá-lo, você encontra os públicos, você encontra os pares e, então, o realiza. Eu vou dar um exemplo: atualmente eu estou fazendo a Mostra Movimento Armorial 50 anos, que envolve exposição, música e debates. Quando eu construí essa mostra, eu tive um insight durante um show de música armorial, que eu não conhecia. A partir daí, comecei a pesquisar e vi que o movimento armorial estava ligado ao Ariano Suassuna e que iria completar 50 anos. Pesquisei para saber se tinha algum grande evento para a comemoração desses 50 anos e descobri que nada havia sido preparado. Falei com uma curadora, amiga de longa data, e ela validou a ideia colocando-se à disposição para estar junto. Liguei para a família de Ariano Suassuna, que eu não conhecia, e fiz a proposta de realizar esta grande homenagem ao movimento. Por fim, coloquei em torno desse núcleo pessoas que conhecem o movimento e são respeitadas dentro da área artística. Elas toparam e nós construímos um sonho que está percorrendo o Brasil – Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília – por meio de um edital. Também passei a ficar atenta a outros editais e consegui a extensão da mostra para Pernambuco e Paraíba.

Partindo, portanto, de uma ideia, de uma necessidade minha de falar sobre cultura popular, que era uma área que eu não dominava, fomos construindo essa história e chegando a essa realização. O sonho, a construção e a realização partem de um movimento interno, de uma necessidade de entendimento e de desejo de que muitas outras pessoas conheçam aquilo que você está tendo acesso e é tão bonito, tão forte, tão nosso. Este é o movimento: você ter

uma ideia e trabalhar para que essa ideia cresça, apareça e dialogue com os públicos.

Meu sonho surgiu quando pequena, em que eu falava com o que eu queria trabalhar. E eu enxergo hoje, aos quase 60 anos, que trabalhei com tudo aquilo que a menina de 6 anos falou para a mãe. E como foi isso? Como é isso? Foi na construção e na percepção do meu movimento no mundo. E para você que me lê, diariamente, saiba que é preciso alimentar, construir, olhar o seu entorno e enxergar as possibilidades de parcerias. E ser parceira de outras mulheres também. Porque sonhar junto é melhor, é mais fácil. Se você quiser sonhar sozinho, também pode. Mas o sonho pressupõe que se envolva outras pessoas, e que possamos sempre falar desse sonho e encantar toda a gente.


E, para mim, o melhor é quando, mesmo que tenhamos que desviar do caminho traçado em alguns momentos, entendemos o que esses pequenos desvios trazem para o nosso sonho. Ao longo da minha carreira, em momentos difíceis, tive de trabalhar em outras tarefas para me manter. Morando sozinha e pagando aluguel, a realidade do dia a dia me levava a pensar em mudar de área. Mas persisti e desenvolvi outros talentos que somavam à minha trajetória. Entender por que você está nesse movimento é fundamental. Assim, afirmo: continue sonhando, sempre. O sonho é uma construção diária.

Eu sou uma sonhadora, mas também sou uma realizadora. Eu faço as pontes, porque meu trabalho é realizar sonhos. E eu realizo o meu sonho e o das outras pessoas que estão à minha volta. Dessa maneira, o sonho vira coletivo, e vamos crescendo e

caminhando juntos. Eu não sei se essa é uma forma utópica de ver as coisas, mas ao longo da minha vida pessoal e profissional, eu caminhei e trilhei assim. Sempre compartilhando, sempre pensando junto. Eu entendo que cada pessoa, em qualquer projeto, traz o melhor de si. E temos que olhar e ver o melhor de nós. E são vários melhores trabalhando por um sonho. Assim, é impossível que dê errado. Mesmo assim, se não der certo e tiver que mudar, é preciso alimentar-se por meio de outras pessoas e continuar.


Eu sou resistente. A continuidade do caminho é o que importa. Às vezes, depois de muito caminhar, falamos: 'ai, eu acho que vou desistir'. Há um ditado budista que diz que, nessas horas, o próximo passo é o que lhe levaria lá. E eu acredito muito nisso. Por isso, criei um lema pessoal que diz: 'o começo e o meio é que são um problema; no final, dá tudo certo'. Com esse lema, eu chego onde eu quero, porque o começo e o meio realmente são desafiantes, mas o final é sempre certo.

Somos Muitas é um projeto que me emociona, sabe? Porque as pessoas que me convidaram para estar aqui, falando, são as que fazem parte da minha vida e, por isso, são importantes na minha caminhada. Eu tenho certeza que somos muitas, e se nós compartilharmos, se sonharmos junto, se pensarmos que temos a força, que somos mulheres, temos mais força. Nós já nascemos com gestão no DNA, já nascemos sendo criadas para ser fortes. Porque não é para qualquer um parir, gestar, construir família, criar filhos. Temos um olhar amoroso, um olhar que enxerga tudo o que está a nossa volta, nós temos um radar. Quando nos fortalecemos, encontramos os



espaços de diálogo, nos encontramos no espaço de afeto, de amor, de entendimento, de conforto e de abraço. Nesse espaço, onde as dúvidas existenciais existem, as respostas, mesmo que não totalmente, também existem. Essas respostas existem, porque nos olhamos e nos nutrimos. A nutrição é o que faz nos multiplicarmos.

Dessa maneira, ao nos nutrimos de arte e de afeto, nós nos respeitamos, nos amamos, nos entendemos e colaboramos umas com as outras, nos amplificando e nos dando as mãos. E ninguém solta a mão de ninguém.

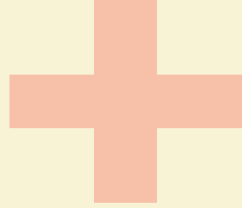


Essa caminhada é importante e nos incentiva a criar outras que também tenham essa força, essa visão, esse entendimento que somos mulheres, somos fortes, somos o que quisermos ser, e seremos sempre o que quisermos ser. E que somos muitas, lutando pelo espaço que escolhemos no mundo que conhecemos, por algo que gostamos e entendemos. Mais do que isso: lutamos pela nossa vida, pelos nossos ideais, pelas nossas certezas. E dialogamos com o mundo a partir daí. Somos muitas, porque somos mulheres e somos fortes.

O que me faz esperar hoje é saber que a arte vence e que ela é visceral. Eu vou falar da arte, mas estou falando do sonho também. O que me faz esperar é que existem mulheres negras alcançando espaços dentro das empresas. O que me faz esperar é entender o amor vencendo todas as coisas e sendo uma referência para qualquer tipo de relação. O que me faz esperar é saber que eu contribuí com o mundo ao longo da minha vida profissional, por meio da arte. Que o amor, o abraço,

o sorriso pode ser o diferencial na vida de outras pessoas que eu nem conheço, mas com as quais eu esbarro todos os dias e que me dizem isto após a participação a um de meus eventos. Assim eu tenho certeza. E o que me faz ter esperanças e esperar mesmo é viver intensamente aquilo que eu faço, aquilo que eu gosto. É entender quem eu sou e onde eu quero chegar. E mais do que isso: quem eu vou levar comigo! É por exercer a minha opção de vida. Como vamos reverberar isso na sociedade, na vida de outras pessoas e na nossa também?

Esperançar, para mim, é continuar nessa existência e falar de amor, de beleza, de delicadeza, de afeto. E não só falar, mas construir uma carreira, uma vida em que a teoria e a prática se juntam. Então não é só falar de amor, mas exercer o amor, o afeto, o abraço, a isenção de julgamento, é ouvir e entender, estender a mão. O esperar, para mim, é isso. É continuar nessa trajetória e ir encontrando esses pares ao longo dela e espalhar isso. É como jogar uma pedra no rio para fazer aquelas ondas. Nós somos a pedra e as ondas são as reverberações que produzimos em nós e nas pessoas com as quais encontramos na vida."



**“
Para partir de um sonho à realização
é preciso um trajeto, que depende
do encontro com as pessoas, do
compartilhamento de informações, do
armazenamento de informações e de
encontrar os meios para dar vazão à
essa ideia, a esse seu sonho.”**

ELAINE
HAZIN



Gestão e o Social



Clique e ouça

Abaixo, ao compartilhar a sua trajetória e experiência, Elaine nos faz refletir sobre missão, intuição e o que é ter uma visão 360° para o mundo da cultura.

"A minha empresa Via Press foi um lugar que encontrei, profissionalmente, para poder expressar a minha forma de ser no mundo. O DNA da comunicação sempre foi muito forte em mim; comecei como assessora de imprensa, trabalhando com artistas em todo o país, construindo a imagem e administrando crises de imagem de vários deles, como Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Daniela Mercury e Margareth Menezes. Com o tempo, fui tendo outros desejos e uma vontade de ir além. Na Via Press, abri o primeiro núcleo de Relações Públicas do Nordeste e comecei a desenvolver projetos de construção de imagem para grandes marcas; depois veio o núcleo de eventos corporativos, o de relacionamento comunitário e o de projetos culturais. Em 2010, fomos a empresa brasileira escolhida pelo Ministério da Cultura para

divulgar as ações do Brasil na Copa do Mundo na África, rompendo espaços e formas de pensar.

Criei uma forma também muito diferente de fazer essa comunicação, esse trabalho. E hoje em dia eu trabalho na gestão dos principais equipamentos culturais de Salvador. É uma experiência muito rica pra mim, porque essa experiência na gestão dos equipamentos também é um reflexo de toda minha trajetória, do que me trouxe até aqui: a comunicação, a produção, a cultura, além do olhar social e comunitário.

Então somos muitas, eu sou muita também no meio dessa história toda. Há coisas interessantes na minha história. Eu sempre achei que não deveria estar sempre fazendo a mesma coisa. Por exemplo, quando eu comecei a trabalhar com relacionamento comunitário, não foi planejado, mas havia aparecido uma oportunidade. Na época, eu sequer sabia o que relacionamento comunitário significava exatamente, mas falei: eu vou aprender e vou fazer. E fiz. E hoje somos uma das poucas empresas que trabalham com relacionamento comunitário no país. Não conhecer muito bem o tema nunca foi uma barreira para mim. Então entrei de cabeça, aprendi a fazer. Eu acredito que não se pode parar com a dificuldade. Ela tem de ser vista como um estímulo para aprender e realizar.

Acredito que o pensamento de buscar o novo sempre me acompanhou. Buscar uma nova forma em tudo: na comunicação, nos eventos, na missão e na gestão cultural. Sinto que essa busca pelo novo não para; ainda tenho muito mais coisas novas para aprender e realizar.

Sinto que toda a estratégia que eu usei, tanto para mim, na minha história, quanto para quem eu estava trabalhando, meus clientes, foi guiada pela intuição. É um processo de estratégia intuitivo. É um processo muito feminino que nós, mulheres, temos que olhar para isso.

A intuição pode guiar muito os nossos caminhos profissionais. Eu sempre ouço o coração e acho que isso faz a diferença no meu trabalho. Ouvir as pessoas, ouvir meu coração, ouvir os caminhos, ouvir essa voz que vem de dentro e que mostra um novo caminho, uma novidade na minha trajetória profissional. A intuição tem que ser também uma companheira profissionalmente. Pode ser muito interessante para pessoas de outras áreas encontrar novas possibilidades de trabalho por meio da intuição, porque quem vem da área de cultura, de comunicação, precisa ter um olhar mais amplo, mais global.

O mercado é muito grande. Eu acredito que tem oportunidade para todo mundo, mas precisamos ampliar nosso olhar. E é o que eu vejo, que esse olhar 360° pode trazer muitas possibilidades, porque as oportunidades existem.

Eu acredito que só precisamos enxergar onde está o caminho. Para isso é preciso exercitar essa busca. Às vezes, precisamos elevar um pouco mais nosso pensamento, olhar um pouco do alto e enxergar as várias oportunidades. E temos cases interessantíssimos no Brasil todo. Pessoas que

encontraram profissionalmente um caminho onde a maioria vê, entretanto não enxerga. Pode ser simples, claro e até óbvio o que estou dizendo, mas que faz toda a diferença.

Atualmente também fazemos gestão de espaços culturais daqui de Salvador, da Prefeitura Municipal de Salvador. São cinco equipamentos. Essa é uma prova de que essa visão 360° sempre me guiou e por que eu acho muito importante ter esse olhar mais amplo. Um olhar um pouco de cima para o mercado de trabalho, para a vida, para podermos enxergar de verdade. Esse olhar para o novo, o diferente, essa coragem de se lançar, se arriscar, não ter medo e não paralisar diante das dificuldades, da falta de conhecimento, podem ser muito importantes na trajetória profissional de todas vocês. E de todas juntas, porque somos muitas quando estamos juntas.

E lembremos que o mundo é imenso. Eu sempre digo isso para a minha equipe: estamos em Salvador, mas não pertencemos apenas a esse lugar. Podemos estar em qualquer lugar do mundo. É como nosso fazer profissional: hoje fazemos a gestão de espaços culturais, a comunicação, os eventos, o relacionamento com comunidades, mas amanhã podemos estar fazendo várias outras coisas.

A minha trajetória não para aqui, ela está continuando sempre. Sempre para frente, sempre buscando o novo. Isso me motiva no trabalho. Eu sou muito feliz com o que eu faço. O trabalho, para mim, é fonte de prazer, de alegria, de troca. Eu acredito nas pessoas. Eu sempre disse que o que me motivava muito no trabalho eram as pessoas, as relações, e ainda continuam sendo motivadores.

Essa troca, esse encontro, é muito rico e fértil. Fiz e continuo construindo grandes amigos no meu trabalho. Pessoas importantes passaram pela minha vida, saíram, voltaram, outras continuam. Nós temos que fazer do nosso trabalho uma fonte inesgotável de prazer, de alegria e de celebração. É isso em que eu acredito. Na gestão atual dos equipamentos temos cerca de 120 pessoas trabalhando diretamente conosco, contratadas, com carteira de trabalho assinada. Eu estou fazendo um programa de treinamento de mediadores culturais, e essa experiência tem sido muito interessante. Há pouco tempo, eu fui dar uma palestra – era mais um bate-papo – com alunos de comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na Cidade da Música, que é um museu belíssimo, e um desses alunos me falou: 'eu acho aqui tão lindo, mas eu não me sinto pertencente'. Eu retruquei: 'mas por que você não se sente pertencente?'. Aquilo mexeu muito comigo. E já comecei a dizer: 'olha, a maioria dos nossos mediadores culturais, quase 90%, são alunos de escolas públicas, moradores da periferia, negros, temos pessoas trans, porque fazemos questão de que aqui seja um lugar de reconhecimento'. Eu falei sobre isso e ele me disse: 'Que bom isso. Estou começando a me sentir parte desse lugar também'. Isso pra mim já valeu tudo o que fizemos.

Com base nesse acontecimento e olhando um pouquinho para trás, vendo minha história, eu sempre procurei usar o meu trabalho como um caminho de transformação. Começou com o relacionamento comunitário, quando fui para dentro das comunidades ouvir as pessoas, dialogar, na busca por trazer um resultado realmente transformador para essas comunidades. Hoje em

dia, estamos construindo um projeto que seja referência para esses jovens, futuros mediadores culturais. Queremos prepará-los não só para o trabalho, mas sobretudo para a vida. Eu acredito cada vez mais que a cultura tem que andar ao lado do social. E quando falamos de equipamentos culturais públicos, que é o nosso caso, devemos entender que são espaços de todos e para todos.

Desde a seleção das pessoas que estão trabalhando conosco, do programa de formação com jovens, da programação de ocupação cultural dos espaços até uma política de ingressos populares, de gratuidade, são para dizer que os museus são do povo, do morador da cidade, do turista, das famílias, do jovem negro, das mulheres, dos trans.

E como fazer para que este trabalho possa ir além das paredes dos museus, para dentro das comunidades dos nossos jovens e possa transformar a realidade de suas famílias, dos vizinhos, dos que vivem à margem dos equipamentos, nas ruas. Esse é nosso grande desafio. Tenho muitas dúvidas e sinto que meu trabalho e minha vocação profissional estão me levando cada vez mais para o social.

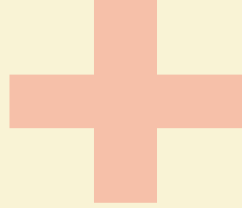
Eu tive uma experiência recente muito forte: triste e transformadora. Minha mãe foi uma das milhares de vítimas da covid. Eu e minha irmã ficamos muito perdidas no primeiro momento, e até hoje ainda estamos nos recuperando. Para nos dar força e nos ajudar a ficar de pé, nós duas criamos um lugar para homenagear nossa mãe: um café e restaurante chamado Mãe. O Mãe, para mim, é um projeto social na fase de construção, porque sinto não ser mais possível separar o social da minha história.

A comunicação não tem como ser separada do social, a cultura não tem como se separar do social, a gastronomia, que eu estou estudando, não tem como se separar do social. Eu tenho que deixar um legado e acho que essa é a nossa missão na vida.

Tudo o que recebemos é porque temos que ter para dar. Se temos que receber, temos que dar muito mais. Então eu entendo que é a minha missão trocar, multiplicar, sabe? Fazer desse lugar, da Via Press ou de onde eu estiver, um lugar onde as pessoas possam realmente encontrar um espaço de crescimento, de transformação e de alegria. Eu estou aqui para servir, para ser uma multiplicadora, para ser ponte, via de transformação. Eu acredito que temos de dar as mãos. Então tem que ter para todo mundo. Não adianta ter só para um e não ter para o outro.

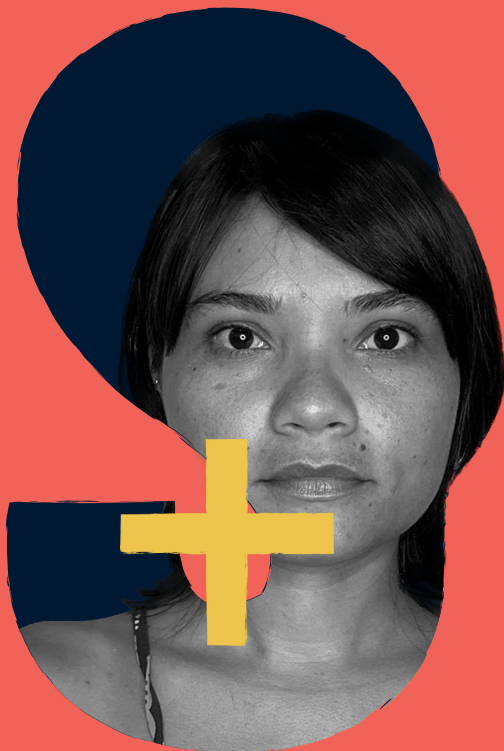
Cada vez mais temos que entender que, sim, somos muitas, mas que tem que ter para todo mundo. Que o nosso papel enquanto mulheres que estão no mercado de trabalho é dar as mãos. Dar as mãos, olhar para o nosso trabalho, para o nosso caminho profissional como um caminho também possível para outras mulheres. Tem lugar para todo mundo, tem sol para todo mundo e temos que iluminar o nosso caminho, das nossas mulheres, das próximas, das pessoas que temos ao nosso redor. Nós temos de ser farol.

Isso que me faz esperar: saber que tudo o que eu vivi até hoje está me trazendo para esse olhar social, para ajudar outras pessoas, para multiplicar, ensinar, mas sobretudo aprender. Quando estamos ensinando, estamos aprendendo muito mais. Então eu vejo que o que me faz esperar é isso."



“
O mercado é muito grande. Eu acredito que tem oportunidade para todo mundo, mas precisamos ampliar nosso olhar. E é o que eu vejo, que esse olhar 360° pode trazer muitas possibilidades, porque as oportunidades existem.”

PRISCILA TAPAJOWARA



Audiovisual Indígena
como registro autoral



Clique e ouça

Neste texto estão os principais aspectos da vida de Priscila Tapajowara e exemplos de como a sua obra audiovisual serve de ferramenta de difusão de sua cultura por todo o mundo.

"Na minha região tem a questão complexa da Cargill, empresa que construiu um porto aqui. Eu lembro que, quando eu era bem novinha, algumas lideranças indígenas, lideranças quilombolas e outros ativistas faziam manifestos por causa da questão da Cargill. Quando isso acontecia, eu falava para o papai que, quando eu crescesse, eu seria como eles. Eu queria defender a nossa Amazônia, o nosso rio, mas eu queria trabalhar com arte.

O meu pai é artista, músico. Crescemos no meio da arte. Eu sempre tive paixão por tirar fotos. Mesmo sem câmara e celular, eu usava o celular de outras pessoas para fotografar a nossa paisagem. Sempre achei a nossa região muito bonita e, por isso, queria tirar fotos dos pássaros, do rio, das praias, dos lugares aonde eu ia.

Vendo esse meu interesse pela fotografia, meu pai conseguiu que um rapaz aqui da minha cidade, que é fotógrafo e dava um curso de fotografia, me fornecesse uma bolsa de estudos em troca de serviços de músico que meu pai fazia. O curso era básico e não tínhamos condições de pagar. A forma que o meu pai encontrou para me ajudar foi fazer essa proposta de permuta, porque na época, na nossa região, não havia propostas de formação para jovens que tem nos dias de hoje. Havia algumas, mas era muito difícil fazer, porque elas aconteciam dentro das comunidades e eu morava na cidade, cresci na cidade, não cresci na comunidade. Tinha, por exemplo, o Projeto Saúde e Alegria que fazia algumas formações, mas eu não estava muito próxima a esse projeto e era também muito nova

Retomando, meu pai conseguiu que eu fizesse o curso com o rapaz fotógrafo. Fiz o curso e fui aprimorando. Foi difícil, porque eu não tinha celular para tirar foto, não tinha câmara e precisava pegar emprestado das pessoas. Se eu conhecesse alguém que tinha câmara, já dizia: empresta a sua câmara e tal. Depois, fui me aproximando do Projeto Saúde e Alegria, e eles começaram a me levar para algumas formações relacionadas ao audiovisual. Eu ajudava em

algumas formações como oficina e, às vezes, acabava aprendendo um pouco.

Foi então que eu entrei em contato com o vídeo e não só a fotografia. Eu queria muito aprimorar minhas técnicas. Mas o que mais me incentivou a entrar nesse mundo para além da paixão artística foi o fato de eu ver muita gente nos movimentos aqui na nossa região. Eram movimentos de lutas e culturais, e vinha muita gente de fora para registrar. Eu não me sentia representada pelos fotógrafos que vinham aqui cobrir os movimentos indígenas. Eu via uma galera de fora, muita gente de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, registrar e falar sobre a nossa região. Sempre teve muito disso: pessoas que vinham de fora falavam sobre a nossa região, faziam os registros e, na maioria das vezes, abordavam temas de uma forma que não reproduzia nossa realidade. Isso me incomodava e eu dizia que queria sair para estudar, para aprimorar meus conhecimentos na área audiovisual para poder voltar e falar sobre a minha região.

Eu já fazia fotografia desde 2013 e eu queria muito poder estudar cinema para seguir no meu aprimoramento. Eu sabia que se eu ficasse em Santarém ia ser muito difícil porque lá não tem curso e é tudo mais difícil. Consegui então ir para São Paulo. E eu acho muito importante falar sobre isso, principalmente considerando o momento em que aconteceu. Eu consegui uma bolsa de estudos pelo Prouni na Fapcom. Foi quando eu entrei lá para fazer produção de audiovisual. Viver em São Paulo foi muito difícil, mas foi um aprendizado muito grande, porque foi a primeira vez que eu saía

da minha cidade em direção a uma cidade grande. Era um lugar totalmente desconhecido, com pessoas desconhecidas, eu não tinha onde morar, eu não tinha como me manter, mas fui com a garra de querer estudar.

Devagar as coisas foram acontecendo. Fui conhecendo pessoas que me deixaram morar na casa delas. Apesar de serem pessoas que eu nunca tinha visto na vida, eu conversava com elas e elas me aceitavam para morar com elas por um tempo. A faculdade me recebeu super bem, apesar de ter sofrido muito preconceito de algumas pessoas. Eu achava que essa realidade estava muito distante de mim. Eu já tinha vivenciado alguns preconceitos em Santarém, mas não do jeito que vivenciei em São Paulo. Eu lembro de minha mãe dizer que ela já tinha ouvido pessoas perguntando como era viver na Amazônia, se tinha bicho na rua, se tinha luz, essas coisas. E quando eu cheguei em São Paulo era exatamente isso; na própria faculdade havia pessoas que me perguntavam como eu falava com a minha mãe, como eu tinha aprendido a falar português, se onde eu e minha mãe morávamos tinha luz, se era verdade que tínhamos jacaré, onça, macaco, esses animais selvagens, de estimação. Era uma visão muito estereotipada sobre indígenas, mas também sobre a Amazônia no geral.

Foi um processo de desconstrução. Acabou sendo legal porque nas aulas em que falaríamos alguma coisa relacionada à Amazônia, sobre as questões indígenas, eles me chamavam. Eu fui uma das primeiras, se eu não estou enganada fui a primeira ou a segunda pessoa, a fazer uma

pesquisa científica na faculdade voltada às questões indígenas. Eu fui a primeira indígena a estudar naquela faculdade. Então foi um processo de desconstrução entre os alunos que eram meus colegas e entre os de outras turmas, mas também entre professores e diretores. No final, todo o caminho foi muito interessante, porque eu acabei me tornando uma referência para a faculdade. Até hoje os alunos mandam mensagens pelo Instagram, querendo me entrevistar, falando que o professor comentou a respeito do meu projeto de pesquisa ou a meu respeito, contando que disseram 'você está errado, não é assim que se fala, é desse jeito' quando se depararam com informações equivocadas. Então foi uma construção dentro da universidade bem legal. Um dia desses, inclusive, eu conheci uma pessoa que era amigo de um amigo meu que tinha estudado comigo e ele falou: 'nossa, esse amigo em comum disse que tudo o que ele aprendeu sobre Amazônia foi contigo, por meio do que você ensinava para ele e para os alunos na sala, nas conversas'.

Eu achei isso muito legal, porque apesar de vivermos no século 21 e as informações estarem todas dadas, bastando querer sair da nossa bolha para entender um pouco mais, ainda é um processo difícil; as pessoas não têm ainda esse costume. Por isso eu tinha muito orgulho de mostrar o que eu era, de onde eu era, falar das minhas raízes, expressar meu sotaque mais chiado, mostrar de onde eu venho, que eu não sou daqui, sou diferente e não tenho vergonha de onde nasci e quero falar sobre isso. Então todo esse processo foi muito bom também profissionalmente, porque abriu muitas portas, principalmente na área de

audiovisual, onde eu conheci vários diretores e várias pessoas com quem pude trabalhar e aprimorar meus conhecimentos.

Depois de quase cinco anos morando em São Paulo, voltei para Santarém. Eu poderia ter continuado em São Paulo, estudando, trabalhando, mas não era realmente o que eu queria. Sentia uma necessidade de voltar para a minha região e de produzir as coisas aqui. Durante a pandemia, voltei definitivamente.

Uma das minhas pesquisas está em produção desde 2014. Costumo dizer que não é apenas uma pesquisa, é para além disso. Ela fala das encantarias da região. Eu cresci ouvindo o meu avô e a minha avó contando histórias sobre o sagrado, sobre os espíritos que vivem no rio, na floresta e nos igarapés e sobre como precisamos respeitá-los. Eles sempre falaram a respeito da relação que precisamos ter com esses espíritos, como é a relação entre eles, com a natureza e com o ser humano. Também falaram sobre como esses espíritos estão aqui nos ajudando, protegendo esses lugares, como se fossem as mães do lugar que habitam. Além dos meus avós, eu ouvia essas histórias nas escolas em Santarém e vindas de outras pessoas, mas de uma forma estereotipada, totalmente diferente da maneira que se ouve aqui.

Por causa desses estereótipos, eu senti necessidade de mostrar essa nossa realidade, que interfere em nosso dia a dia, com uma visão de dentro.


Desde 2014 eu quis produzir um filme sobre isso, e fui me aprimorando com o tempo. Naquela época, pensava em uma história específica, depois pensei em mais de uma história, fui escrevendo roteiros e projetos e, em 2020, ele foi aprovado. Em 2021 gravei a *websérie Ágawaraitá*. Em princípio, o projeto seria um filme falando sobre esses seres encantados, mas depois eu resolvi dividir em pilulas; totalizando quatro episódios. Eu já havia produzido um curta-metragem sobre os seres encantados, sagrado e espiritualidade com algumas lideranças femininas da região falando como essa espiritualidade também nos conecta com os nossos ancestrais, como essa espiritualidade nos fortalece, fortalece o nosso corpo para que lutemos em defesa da nossa região e busquemos os nossos direitos enquanto indígenas, enquanto amazônidas e quilombolas. Depois eu fiz a *websérie Ágawaraitá: Histórias Amazônidas* que foi um projeto beneficiado pela lei Aldir Blanc. Pode-se dizer que a produção dessa websérie foi 98% amazônida. Digo amazônida, porque não foram apenas indígenas que compuseram a equipe técnica, houve também o elenco de personagens, formado por indígenas, ribeirinhos, negros e LGBTQIA+. Teve também a participação indígena da Graci Guarani, uma referência para mim no cinema indígena. Ela não é da nossa região, apesar de ser Caiuá, mora no Nordeste. Ela me ajudou a escrever o roteiro. Teve também a participação de Caio Tupã, indígena do Nordeste, mas mora em São Paulo, que veio fazer o áudio. A produção foi toda local. Nós gravamos com quatro personagens, três indígenas e um não indígena, falando sobre essa questão da espiritualidade. Porque a intenção era mostrar

essa visão cosmológica que temos aqui. Apesar de ser uma visão indígena, há alguns ribeirinhos que também têm essa visão, esse entendimento parecido sobre a questão das encantarias e das mães dos lugares.


Cada episódio conta uma história diferente: a história da mãe d'água, da Nanci, da mãe do Igarapé e da Matita Pereira. É uma obra híbrida entre documental e ficcional. A proposta era que os entrevistados fossem contando a história e, durante a narrativa, o espectador é transportado, incentivado a criar a história na cabeça. Visualmente são apresentados os personagens para mostrar um pouco do que está sendo contado. Essa série foi exibida em um festival indígena na Indonésia, e também em Barcelona, na Escócia e em Edimburgo; passou por um festival em Londres agora em outubro de 2022. Além disso, foi exibida no Cinotec da nossa região e em alguns eventos nos territórios indígenas. E está sendo exibida em algumas escolas fora da região, como em São Paulo. Há uma procura grande para que seja exibida em vários lugares. Foi recentemente exibida no território Xingu, com os parentes de lá no Festival de Cinema e Cultura Indígena (FeCCI), o primeiro festival de cinema da cultura indígena. Está tendo uma ampla circulação, porque é uma série que fala muito sobre nós, sobre a questão amazônica, a questão espiritual e cosmológica daqui, com uma visão diferente, de pessoas de dentro. Pessoas que cresceram ouvindo essas histórias. E essa série foi gravada em aldeias e nas comunidades ribeirinhas.

Uma coisa que as pessoas sempre me falam é que eu posso ir para qualquer lugar do mundo, mas levo comigo a cultura de onde eu venho. Lá em São Paulo eu fiz muito isso e, em qualquer outro lugar que eu vou, gosto de falar e contar as histórias do meu avô. Gosto de conversar sobre peixe, porque é uma coisa que eu aprendi com meu avô pescador. Ele me ensinou muito e eu gosto de contar essas histórias de encantos, gosto de dançar carimbó e de ensinar as pessoas a dançar carimbó. Já conheci dez países e para todos eles eu levei isso, sabe? Sempre levei um pouco da cultura do lugar de onde eu venho, de Santarém, sempre falei da minha história, da história da minha família, essas histórias que os meus avós contavam, e sempre falei sobre os conflitos na nossa região, na Amazônia, a importância de se lutar pela Amazônia, a importância de se manter a Amazônia viva. A maneira como falo sobre os conflitos da nossa região é bem amplo, porque eu preciso aproveitar que estou chegando em lugares que muitas lideranças da nossa região deveriam chegar, mas sabemos a dificuldade que é chegar a alguns lugares. Dessa forma, como estou tendo essas oportunidades de chegar a esses lugares, falo sobre o lugar de onde eu venho, falo um pouco da nossa cultura, da nossa região, das lutas que temos aqui e das ameaças. Principalmente sobre as ameaças. Eu acho importante as pessoas de fora ouvirem o que tenho a dizer.

Há pouco tempo eu morei por três meses na Europa. Fui para lá sem saber falar inglês, sem saber nada, sozinha, mas por todos os lugares que eu passei, usava meus brincos. As pessoas vinham me perguntar sobre eles; eu falava, explicava.



Particpei de eventos onde eu podia falar sobre o meu filme e sobre o que estava acontecendo na nossa região. O lugar em que passei mais tempo foi a Escócia, onde estudei um pouco de inglês. Lá eu também aprendi muito sobre como eles sofreram com a colonização, como no Brasil, em que os povos indígenas foram as maiores vítimas, e como ainda há resistência indígena por meio da manutenção da língua materna e das histórias da cosmologia, que se baseia em fadas e duendes. Eu pensava que esses seres eram invenção da Disney. Eu tinha uma visão dos europeus totalmente diferente da que tenho hoje, principalmente dos escoceses.




Quando exibi a minha série na Escócia, muitas pessoas, durante o debate, falavam como a minha série os faziam se lembrar do que havia acontecido com eles, das histórias dos encantados e da espiritualidade que a igreja demonizou e demoniza até hoje. No caso deles são os duendes e as fadas que estão nas aldeias, nas cidades e na floresta.

Portanto, quando viajo, eu aprimoro, amplio a minha visão sobre o mundo, quebrando preconceitos e aprendendo. Também levo um pouco de onde eu venho para esses lugares e para essas pessoas. Antes eu não queria aprender inglês; eu achava que era uma coisa muito distante e que eu nunca iria conseguir falar. Hoje eu estou estudando essa língua e já consigo me comunicar um pouquinho com algumas pessoas. Isso porque eu percebi a necessidade de eu mesma poder falar com as pessoas, poder explicar. Eu sou assim. Chego aqui no Brasil já contando várias histórias. Fico conhecida nos lugares como a contadora de


história, a que conta histórias e fala várias coisas sobre a minha região. Da mesma forma, eu quero chegar a esses países e poder ter essa autonomia de falar de onde eu venho, sobre a nossa luta e a nossa resistência.

Principalmente em relação a esta questão de sermos muitas e muitas mulheres, eu acredito que tenha espaço para todo mundo, só que é muito difícil ter acesso a isso. Principalmente no momento atual do Brasil, é muito difícil as pessoas chegarem a algum lugar, ter acesso a certas informações. Mesmo assim, estamos em um processo de ocupação de espaços, principalmente agora que tivemos duas candidaturas indígenas e passa a ser real e palpável a bancada do cocar. Joênia Wapixana se elegeu como a primeira mulher indígena a ser deputada federal, ocupando o Congresso. Muitas vezes, ela estava lutando sozinha contra deputados ruralistas da bancada do BBB – boi, bala e bíblia. Até então sem outros indígenas para apoiá-la dentro do Congresso como deputados, mas agora teremos outras duas mulheres indígenas. Ela plantou essa sementinha que, agora, está dando frutos por meio de Célia Xakriabá e Sônia Guajajara, duas grandes lideranças no Brasil, conhecidas mundialmente por defenderem o Cerrado, a Amazônia, a Mata Atlântica e os direitos dos povos tradicionais. Enquanto ouvimos dizeres como 'não pode', 'não está fácil para você', 'você não vai chegar', elas conseguiram chegar, e sabemos que cada vez mais outros indígenas chegarão lá.

Sempre há barreiras que dificultam o nosso caminhar, dificultam o nosso processo. É muito

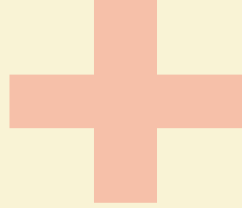


difícil chegar aos lugares, principalmente quando se fala sobre indígenas, negros, populações tradicionais e LGBTQIA+. Eu estava conversando com umas amigas sobre isso, de que eu sempre levei não na minha cara, principalmente em São Paulo, que diziam que eu era muito nova. Tinha muito disso: de eu ser nova demais ou de eu não conhecer tantas coisas porque eu era do Norte. Essas conclusões me desanimavam muito, muito mesmo. Mas eu não podia deixar isso me desmotivar, não podia porque eu venho de uma família matriarcal, em que as mulheres dominam a família, correm atrás das coisas, mesmo com todas as dificuldades, com todos esses não, têm de ir atrás de realizar o que desejam. Essa luta também não pode ser individual, mas coletiva. Por isso é muito importante se unir a outras pessoas para nos fortalecer e fortalecer nosso físico, nosso espírito, nosso psicológico para que cheguemos a esses lugares. É difícil, não é fácil, mas quando se chega, é muito gratificante, porque mostra-se para si mesmo que se foi capaz, que conseguiu mesmo com esses não, e, principalmente, mostra para essas pessoas que desacreditaram em nós, disseram que não íamos conseguir, que conseguimos e que estamos lutando.



Eu ainda não me considero referência para as pessoas, mas eu fico muito feliz quando outros jovens da minha região ou de outros lugares falam que eu sou uma referência para eles. Falam que a mulher indígena está no cinema, está fazendo muita coisa legal, e esses comentários é uma das coisas que me mantém forte, que me faz querer continuar trabalhando com cinema.

Quando chega o momento de lançar minha obra, como a série que lancei em setembro, de exibi-la em outros lugares, de dar oficinas de audiovisual para jovens dentro de territórios indígenas, de ver esses mesmos jovens produzindo e saber que eu estive ali naquela construção, de estar passando para eles um pouco do conhecimento que eu tenho, isso para mim me dá muita força de poder continuar fazendo o que eu quero fazer, de estudar e de alcançar outras pessoas e outros lugares. Eu acho muito importante que nós, principalmente nós mulheres, nos unamos e digamos palavras de incentivo umas às outras, apoiemos outras mulheres que querem chegar a esses lugares. Portanto, por mais difícil que seja, vamos conseguir chegar aos lugares, ocupar novos espaços e sermos as próprias protagonistas das nossas narrativas.”



**“
Por causa desses estereótipos, eu senti
necessidade de mostrar essa nossa
realidade, que interfere em nosso dia a
dia, com uma visão de dentro.”**

TAINÁ MARAJOARA




Cultura Alimentar proteção
e resgate de valores



Clique e ouça


No texto a seguir, produzido com base em uma entrevista com Tainá Marajoara no início de outubro de 2022, há importantes reflexões sobre questões que se entrelaçam ao conceito de cultura alimentar no Brasil, territórios e ancestralidade, além de orientações sobre a produção de cultura alimentar que foge de estereótipos e se baseiam na luta de Tainá e na sua experiência como realizadora cultural.

“Eu sou Tainá Marajoara, venho do povo originário Aruá Marajoara, do arquipélago do Marajó, antigo território Analau Yohinkakou, de Cachoeira do Arari. Do meio do arquipélago, da região do rio Arari e do lago Arari. Hoje em dia, uma região que sucumbe ao envenenamento devido ao uso abusivo e exacerbado de agrotóxicos. O arquipélago do Marajó traz um histórico de distribuição de terras e de doação de terras pela Coroa e pela Igreja para as mesmas famílias latifundiárias que hoje se mantêm no poder, por meio do governo do estado do Pará, das prefeituras e até da câmara. Portanto, ainda temos uma colonização presente, latifundiária e extremamente forte, racista e preconceituosa.



Enquanto isso, lutamos para que o Marajó seja parte da história da humanidade, incluindo suas artes; elas são incansáveis. Porque aquilo que chamam de arqueologia é arte, cerâmica, desenho, estética, expressão cultural, um desenho social e estético do que são as nossas sociedades, dos caminhos e dos rastros que deixaram os nossos povos. O que muitas vezes foi reduzido a 'caco do índio' é a história da humanidade.

Uma coisa que sempre nos perguntamos é por que sobrevoar aviões de agrotóxicos sobre as pirâmides do Egito ou sobre o Parthenon, na Grécia, causaria extremo espanto, e jogar veneno e levar o gado a pisotear a cerâmica marajoara não dói no coração de ninguém?



É para falar sobre essas questões. Fazer arte, produzir arte e cultura, ser artista, cozinheira, produtora cultural e realizadora cultural – realizadora de um ponto de cultura também tem a ver com isso – e falar do que acontece com nossa cultura. Porque todas essas questões seguem entrelaçadas. Não dá para falar de cultura alimentar sem falar de território, da mesma forma não dá para falar da cultura viva se os povos são ameaçados.

Por isso eu trago um contexto histórico da Amazônia e do arquipélago marajoara – contexto este compartilhado por muitos dos povos originários do país e daqueles e daquelas que são fazedores e fazedoras de cultura. Principalmente falando para nós, mulheres, porque somos as primeiras nas trincheiras; a produção cultural é majoritariamente realizada por mulheres e somos nós que sofremos assédio por apresentar os nossos

projetos. Somos nós que somos chamadas de incompetentes, de loucas, de estressadas, de desesperadas, principalmente quando os machos estão montando as estruturas e vemos que não estão corretas e corrigimos, quando queremos o certo, o cuidadoso, o melhor, quando exigimos dedicação igual à nossa, cuidado como o nosso e a forma como realizamos. Portanto, falar sobre arte e enquanto somos muitas, é reconhecer que também somos muitas que sofrem e que precisam mudar esse cenário machista da produção e da realização cultural e do fazer artístico no Brasil. Também precisamos influenciar o resto do mundo.

Se formos falar em mercado de cultura alimentar, em produção de cultura alimentar, precisamos voltar um pouco no tempo. Até 2013, a comida não era reconhecida como uma expressão cultural brasileira. A cultura alimentar era associada a um bem cultural. Esse bem cultural era registrado como patrimônio cultural imaterial, e a comida se tornava uma prática cultural somente dentro daquele contexto. Por exemplo, até então a maniçoba só era considerada uma prática cultural quando associada a um bem cultural, no caso, o Cirio de Nazaré. Sem estar associada ao Cirio de Nazaré, ela era considerada apenas uma prática cotidiana para o consumo, como um alimento corriqueiro para matar a fome, para satisfazer o organismo. Entretanto, sabemos que a maniçoba é uma prática cultural que aparece nos relatos desde os primeiros cronistas e viajantes que adentraram a foz do rio Amazonas. Encontramos nesses relatos o preparo da maniçoba com carnes gordurosas, como a carne da tartaruga, das tartarugas moles e pequeninas, a carne

de peixe-boi, entre outras. A maniçoba acabou ficando equivocadamente conhecida como um prato advindo da mistura da comida europeia com a baiana. O que estudamos nesses relatos, nesses manuscritos, é algo bem diferente.

Trazendo para esse campo da pesquisa cultural e da pesquisa histórica, fazemos o mesmo argumento dos estudos da oralidade com base na recolha de narrativas dos nossos anciãos, dos nossos guardiões e guardiãs de cultura, dos nossos velhos troncos largos, das nossas árvores antigas, que mantêm a nossa cultura viva. A partir desses saberes partilhados, nós elaboramos o conceito de cultura alimentar. Porque, como disse, até 2013 a comida não era considerada uma prática cultural e a cultura alimentar não era uma expressão cultural brasileira.

Mas não pense que foi uma maravilha. É óbvio que precisamos considerar a cultura alimentar como uma expressão cultural brasileira, mas são muitas as ameaças e as variantes em uma luta como essa, que até mesmo nós, que estamos nesse campo de atuação, não imaginávamos que fôssemos nos deparar imediatamente com elas. Um exemplo: quando vimos um chamado do Ministério da Cultura para novos segmentos culturais e a gastronomia foi um deles, pensamos 'mas cultura alimentar e gastronomia não são a mesma coisa? Gastronomia não é cultura?'. Nem sempre. E é aí que mora o perigo.

Porque se nós não nos atentarmos para os conceitos, para as palavras, para as escritas, perdemos sempre. O Brasil não é um país de direitos

que não sejam direitos constitucionais e escritos. Por isso, precisamos escrever exatamente o que estamos falando. E, ao adicionar a gastronomia como um segmento cultural, toda a indústria de alimentos estaria lá, todo o agronegócio estaria lá, o agrotóxico e o alimento transgênico, o químico alimentar, todo o lixo que o hemisfério norte não consome mais. Tudo o que é banido da alimentação na união europeia e que é permitido no Brasil, inclusive como alimentação de crianças, entraria na categoria e seria passível de ser financiada com dinheiro público, de ser patrocinada pelo Estado brasileiro e seria repercutido nos municípios. Além disso, seria realizado o *greenwashing* por meio da Lei Rouanet e de outras leis e incentivos fiscais.

O *greenwashing* é a lavagem verde do dinheiro e está muito relacionado à cultura. Também precisamos falar de um outro '*washing*', uma outra lavagem que acontece e poucos se dão conta: a lavagem do sangue. Isso porque muitas dessas empresas que atuam com mineração e geram conflitos agrários, contaminação, grilagem de terra, buscam leis de incentivos, patrocínio e indicadores sustentáveis. Esses indicadores colocam as ações dessas empresas no mercado internacional com pontos altos e elas passam a figurar como empresas sustentáveis. Entretanto, esses indicadores sustentáveis escondem o trabalho escravo e toda a devastação.

'Mas poxa, eu só queria falar de cultura alimentar, eu só queria usar ingredientes locais, eu não posso ir lá e fazer a divulgação da cozinha indígena?' Calma, não é que você não pode. Tudo isso tem suas regras. Nós guardamos conhecimentos

tradicionais; somos guardiões do patrimônio genético e esses conhecimentos têm a ver com cultura alimentar. Por isso, quando o Ministério da Cultura lançou um segmento como sendo o da gastronomia, nós nos mobilizamos enquanto povos originários e comunidades tradicionais e travamos uma luta em nível nacional, liderada por nós da rede de cultura alimentar com a parceria e os braços de Edna Marajoara, que até então era titular da cadeira de conselheira nacional de patrimônio cultural e imaterial e era também quem, junto com Fernanda Kaingáng, fazia a luta e a proteção em salvaguarda do conhecimento tradicional e patrimônio genético.


Nós apresentamos esses argumentos com os das recolhidas de narrativas que nós havíamos feito nas comunidades e incluímos todo o levantamento da apropriação cultural, dos *greenwashing* e dos *bloodwashing*, que são as lavagens verde e do sangue feitas por essas empresas que buscam esses indicadores socioambientais. E justificamos que a gastronomia não poderia ser encarada como sinônimo de cultura. Voltamos agora para a questão do direito: tudo precisa estar escrito. Pela etimologia da palavra, 'gastronomia' significa gastro + nomia, ou seja, o estudo do gastro, que se convencionou como o estudo do sistema alimentar. Esse estudo do sistema alimentar abraça tudo: o frigorífico, o *fast food* – porque se trata de uma cadeia internacional de espaço gastronômico, mas não é um fazedor de cultura –, todos os *chefs* de cozinha, todos os espaços para alimentação. Um *chef* de cozinha que coloca um ramo de jambu no prato que ele está fazendo nos Jardins, em São Paulo, não é um guardião

de cultura, ele é apenas um *chef* de cozinha. Ele está utilizando apenas o ingrediente. Ele pode até falar que está usando um ingrediente amazônico, mas e aí? Qual é o impacto cultural disso? Não é por que você usa uma roupa com um chapéu de esquimó que você vai virar um esquimó. A roupa pode ser apenas um utensílio para você.


Apresentamos todas essas questões e, após várias conferências que contaram com participação social, a cultura alimentar foi reconhecida enquanto uma expressão cultural brasileira. Sem essa participação isso não teria sido possível e, por isso, é muito importante ressaltar a democracia. Precisamos falar de um Estado democrático de direitos que permite, incentiva e garante a participação social. Por meio dessa garantia da participação social foi conquistado um colegiado setorial de cultura alimentar no âmbito do Ministério da Cultura.

E por que não foi a gastronomia? Porque essa escolha foi aprovada e legitimada por mais de 2.500 lideranças, em várias conferências nacionais de cultura. Na última conferência, foi aprovada a moção 094, que define o que é cultura alimentar. Dessa maneira, o saber fazer e o falar são ancestralidade, espiritualidade. As tecnologias sociais, os processos de arquitetura e de navegação, desde que sejam artesanais, são cultura alimentar.

A casa de farinha é um processo de arquitetura artesanal e milenar, enraizado na ancestralidade e, portanto, com raízes profundas nos territórios. Quando falamos da mandioca, são muitas as



variedades se considerarmos todo o território nacional, são muitos os saberes relacionados à produção de alimentos com base na mandioca. Isso é falar de cultura. Mas não é porque existe uma indústria de beneficiamento de mandioca que essa indústria pode ser considerada um espaço de cultura. Ela pode estar ali apenas para beneficiar a mandioca, enquanto produto e fazendo parte de um processo materialista de produção. Essa indústria não tem ancestralidade, não tem espiritualidade, não é um processo que carrega técnicas e práticas culturais, ela é apenas uma indústria de beneficiar a mandioca. Não é porque ela trabalha com um ingrediente local que ela é um espaço cultural. Da mesma forma, uma microindústria não é um ponto de cultura, a não ser que ela esteja em uma comunidade realizando atividades locais com processos ancestrais para determinados tipos de preparo com intuito de manter práticas culturais vivas. É diferente daquele lugar que pega uma mandioca, a coloca ali e a transforma em uma farinha de toneladas e vai vender. Depende das práticas.



Quando falamos de cultura alimentar estamos falando do simbolismo, do lado simbólico. A dimensão prioritária é identitária e simbólica, não é o processo de produção, não é o processo de comercialização, como muitas vezes acontece na gastronomia. Por isso que cultura alimentar e gastronomia são diferentes, os processos gastronômicos não são sinônimos de processos culturais. A não ser que se comece a patrimonialização do *nugget*. É sobre isso que estamos falando quando reforçamos o cuidado com as palavras, que a sua falta pode causar

essas confusões de conceitos; a apropriação do restaurante quando diz que faz cultura. Será que faz mesmo? Quando chega a biocosmética ou a corporação dizendo que usam ingredientes locais da Amazônia, que fazem cultura, será que fazem, mesmo? Qual é o processo cultural que realizam? Quais são seus compromissos? Onde está o umbigo territorializado?

Precisamos falar de raízes, porque não existe cultura sem raiz. Até mesmo para os povos que não são povos fixados ou para os povos que não são territorializados, como os povos ciganos. As culturas são passadas entre gerações. E máquinas não fazem cultura, não têm ancestralidade, não transmitem conhecimento entre gerações.

Em 2009, no ainda coletivo do ponto de cultura lacerda, iniciamos um projeto chamado Cultura Alimentar Tradicional Amazônica (CATA). Rodamos o estado do Pará para entender e fazer um inventário daquilo que estava extremamente escasseado por aqui, porque nesse período havia começado a entrada sem lastro de soja e de agrotóxicos, e a devastação atingia picos gigantescos e históricos de destruição. Nós iniciamos uma escuta com mestres e mestras, guardiões e guardiãs de cultura por todo o estado, entrevistando desde os vaqueiros marajoaras ao pessoal do Tumucumaque, no interior do Tapajó, e a região do sudeste do estado, onde o conflito agrário é mais pesado.

Quando saímos nessa busca foi para entender o que estava acontecendo quando, no jornal, o secretário adjunto de estado diz 'A gastronomia vai ser um


dos pontos prioritários de investimento do novo governo no Pará. Precisamos transformá-la em uma ferramenta turística e, para isso, precisamos que ela seja apetecível. A nossa gastronomia não tem nomes atrativos e convidativos. O bolo podre, por exemplo, não tem nome traduzível; por isso, precisamos fazer nomes melhores. Bolo podre poderia ser chamado de bolo branco que, traduzido para o turista, seria chamado de *white cake*. Essa subalternização, que vem com institutos megalomaniacos fundados nos Jardins, em São Paulo, para defender a Amazônia, avança também com a Vale e as mineradoras que se instalam aqui e depois vão cometer mais crimes, crimes contra a humanidade, como é o caso de Belo Monte e da Vale. Essas mineradoras ganham direito constitucional de se autofiscalizar.

Ao mesmo tempo em que houve essa matéria no jornal de Belém, em São Paulo estava acontecendo uma busca desenfreada pela Amazônia. Vários festivais, eventos, muitos deles com músicas amazônicas e tudo o mais aconteciam no grande centro urbano. Até então eu era uma criatura de dentro do Centro de Pesquisa Teatral (CPT) e atuava com Antunes Filho no elenco, depois passei para a dramaturgia e atuei como assistente de direção. Contudo, enquanto eu estava no CPT, nunca deixei de cozinhar, porque sempre cozinhei e a nossa cozinha era uma cozinha comunitária. O conhecimento marajoara que carregamos é um conhecimento comunitário. Dessa maneira, não o vejo como um conhecimento meu, da Tainá. E não é porque eu saí para São Paulo que, de repente, o meu conhecimento ficou na Baía do Marajó. Ele atravessou junto comigo. Esse conhecimento

e toda essa reflexão sobre nosso histórico dos processos políticos acontecem principalmente dentro do teatro, uma vez que o teatro é para falarmos, para dizermos, para atuarmos e, portanto, temos que nos conhecer; caso contrário, a palavra não sai da boca.

Em São Paulo, enquanto acontecia toda essa espetacularização da Amazônia patrocinada pela biocosmética, pela indústria de alimentos e pela mineração, foi apresentado um prato indígena marajoara chamado cunhapira. Um *chef* de cozinha superfestejado dá uma entrevista dizendo que ele está lançando para o mundo um novo prato amazônico, um prato indígena marajoara: a cunhapira, uma feijoada feita de tucumã. Mais uma vez falamos da importância da etimologia da palavra. *Cunhã* é menina, moça, jovem mulher, e pira é peixe. Nós nunca comemos uma sereia. O que esse *chef* de cozinha fez foi cozinhar uma sereia do tucumã e falar que ele estava fazendo um lançamento inédito. Realmente ele fez, porque ele falou de um prato que, pela combinação de palavras, era um guisado de sereia, o que nunca comemos enquanto marajoaras. Parece absurdo, mas isso demonstra a falta de qualquer preocupação com a cultura alimentar, porque parece que a cultura alimentar é fazer o preparo, colocar esse preparo na mesa do branco e comer.

Só que se comete essas atrocidades com as nossas culturas, com a nossa língua ancestral, com nosso conhecimento tradicional e com aquilo que é de mais precioso para nós, porque o tucumã é um fruto sagrado marajoara. É do tucumã que nasce a primeira noite do mundo e fazemos



absolutamente tudo com ele: aproveitamos da raiz ao espinho, das fibras para fazer folha, roupa, rede, para fazer tudo. Comemos até o bichinho que se alimenta do carocinho quando o que sobra ali é apenas o bichinho. Alimentamo-nos do bichinho, que é também fonte proteica para nós. São, portanto, muitas camadas de cultura e podemos perceber o racismo e o preconceito sobre o que comemos. Quando falamos sobre isso, esse mesmo prato que na mão do *chef* vira uma descoberta fenomenal, para nós, o povo originário marajoara, é celebração. Muitos podem dizer 'não vou comer, porque isso é comida de índio', 'não vou comer, porque isso é comida de gente lá do mato', 'por que isso está aqui na minha mesa? Eu não sou de dentro do mato para comer isso', 'eu até quero uma canhapira, mas você pode fazer uma releitura da canhapira?'. E, no entanto, a cozinha chamada de cozinha internacional não é percebida como uma cozinha imperialista e destruidora de culturas locais. Ela ganha força nos restaurantes, dentro da estética *le cordon bleu*, e que transforma a minha canhapira servida em cuia ou em cerâmica, em um prato servido fartamente em uma torrezinha de pedacinhos quadrados em um prato branco com três gotinhas de tucumã em volta.

As camadas de aniquilação cultural também estão muito presentes na cultura alimentar, porque são camadas de aniquilação estética, simbólica e de empobrecimento da população. Essa população é massacrada por ideias que a fazem acreditar a não realizar suas tradições, porque passa a achar que ela seja um povo subalternizado, um povo atrasado, um povo primitivo, e que ela deve comer o que está sendo mostrado na televisão.

A nossa luta pela cultura alimentar não foi uma luta sobre comer o que a minha avó comia. Claro que isso faz parte e tem um pilar importantíssimo, porque foi com a minha avó que eu aprendi o que era o tucumã e com a minha bisavó eu aprendi sobre a espiritualidade caraúna e a importância do tucumã na nossa cultura sagrada, mas é também entender que as culturas e os povos são aniquilados e desterritorializados pela boca. Esse é o motivo de entrarmos nessa luta.

Quando eu falo 'nós', não é apenas a Tainá Marajoara que estava nesse processo, mas era a Tainá Marajoara com a rede de cultura alimentar, composta de agricultores orgânicos, agricultores agroecológicos, povos indígenas, quilombolas, Movimento Sem Terra, do apoio de várias instituições, como coletivos da Conferência Nacional de Segurança e Soberania Alimentar. A própria participação que tivemos junto ao Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), que na época ainda existia, estabeleceu a luta da cultura alimentar como indissociável da soberania alimentar. Dessa maneira, quando chegamos ao Ministério da Cultura com a Edna Marajoara, conselheira nacional de patrimônio cultural e imaterial, e a mãe Rita Santos, baiana, liderança da luta contra o McDonald's, precisamos pautar conceitualmente a cultura alimentar dentro de uma política cultural. Essa conceituação foi imprescindível, porque são os conceitos formadores desses segmentos culturais que vão dizer qual é essa capilaridade. Se fosse um colegiado de gastronomia, quem seriam os protagonistas dessa história? As atividades ficariam concentradas nos restaurantes e na indústria de

alimentos. Como fazemos para inverter isso e pautar um colegiado de cultura alimentar, uma vez que somos fazedores de cultura, mestres e mestras, guardiões e guardiãs da sociobiodiversidade e do conhecimento tradicional? E como transformamos a cultura alimentar em projeto? **Precisamos falar de cultura alimentar, pensar, desenhar, escrever, fazer *video map*, colocar na parede do museu, fazer instalação, ocupar o chão, ocupar a rua. Cultura alimentar não é só cozinhar.** Esse pensamento de que para eu fazer um projeto de cultura alimentar é necessário fazer uma mostra gastronômica, um festival gastronômico e colocar comida para dentro é um estereótipo. Enquanto artistas, enquanto criadores, produtores e realizadores culturais, é fundamental falarmos sobre direitos culturais. São raros os projetos sobre direitos culturais.

É conhecendo direito cultural que se entende ser possível fazer a cultura alimentar. Porque se não fosse a lei cultura viva, os pontos de culturas alimentares não existiriam. Se não fossem as várias leis existentes, não poderíamos fazer cultura. Percebe-se, assim, que são várias as temáticas. Podemos falar sobre como a cultura alimentar sai das comunidades às cidades. Será que já paramos para pensar que nas periferias, muitas vezes, quem garante o sustento e a alimentação dos estudantes que saem das suas comunidades para ir às cidades, às faculdades, são as culturas alimentares produzidas nas comunidades e que chegam à cidade como extensão territorial do

afeto? Isso ocorre quando na comunidade se faz a saca de farinha, quando quebra, quando soca o arroz para mandá-lo para fazer um mingau de arroz novo, quando se tira o bichinho do tucumã, o turu, e o manda congeladinho para conseguir chegar à cidade e comer lá.

São muitas as possibilidades. Que tal falar de cultura alimentar e combate à fome? E se falarmos de cultura alimentar e garantia da soberania alimentar? E cultura alimentar e meio ambiente? Floresta no chão, área devastada, a cultura alimentar morre. Então são muitas as transversalidades. Dá até mesmo para falar de conflito agrário, de assassinato de lideranças, do perigo que é viver nos campos e nas florestas da região Norte, no arco do desmatamento. Como será que essas culturas alimentares sobrevivem depois do dia do fogo? Como é fazer cultura alimentar quando somos expulsos das nossas terras, como os Guarani Kaiowá, que estão na beira da estrada sem acesso à comida? Será que falar de cultura alimentar fica restrito à mesa farta ou é também falar de quando essa cultura alimentar deixou de chegar e fazer essa mesa farta?

São muitos os temas que podem ser transformados em podcasts, projetos, mostras, festivais, rodas de conversa, seminários e encontros. Precisamos aprender a pensar não fora da caixa e, sim, a pensar a cultura alimentar fora da panela também.

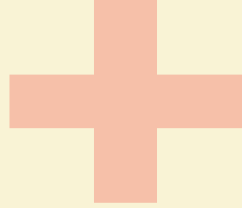
Se somos muitas, sempre terá para todos se nos propusermos a cuidar, a perseverar e a esperar. Porque sempre houve maneiras de dividir e partilhar, ainda que na escassez.

Entretanto, o que se vê é um colapso ambiental global, um avanço do nazifascismo no país e uma escassez enquanto modelo político e de dominação e poder. Não dá para falar sobre ter para todos e partilhar, quando o que temos, enquanto governança – e não apenas do governo brasileiro, mas em governos de vários estados e municípios e também em espaços de poder – são espaços autoritários e pautados na acumulação.

Se nós, mulheres, conseguirmos fazer essas lutas transformadoras, em que não acumulamos, mas partilhamos, podemos gerar renda e vagas de trabalho para contratar outras mulheres, trazendo principalmente essas mulheres que raramente têm vagas no mercado de trabalho, como as mães solo, as mulheres acima de 60 anos, as mulheres indígenas, negras ou de comunidade tradicionais. É preciso chegar nos espaços e dizer que os nossos rendimentos, os nossos pagamentos, precisam ser equiparados não apenas pela questão do gênero, mas também regionalmente. Além do mais, o combate ao racismo estrutural é imprescindível para que consigamos de fato ter para todo mundo.

O esperar de hoje e de sempre é saber que eu posso dormir e acordar ouvindo os passarinhos, saber que é possível tomar banho de rio sem agrotóxicos, porque o rio já esteve limpo e livre de agrotóxicos. É poder comer o meu bichinho do tucumã, sem me preocupar se eu vou estar me envenenando. É poder conseguir andar sem as secas, debaixo da sombra das árvores nas cidades, porque hoje em dia as cidades não têm mais árvores. E quando se fala de Amazônia, é se esperar na Amazônia e no mundo. A Amazônia

tem mais de 40% da sua população em zona urbana e periferia urbana; não é uma área só de mato, não é só essa Amazônia vista de cima. Embaixo das árvores e em cima das águas mora muita gente e o nosso esperar hoje é urgente, é para a nossa vida, é para que consigamos nos manter vivas, unidas, abraçadas, e para que possamos ver as estrelas que são apagadas pela fumaça das queimadas. Para que possamos compartilhar o conhecimento dos nossos mestres e mestras que são assassinados pelos grileiros e pelo avanço das fronteiras agrícolas. Que possamos esperar fazendo muita arte, e que não seja apenas a crônica de uma época, mas o nosso florescer, que a arte seja potência das nossas sementes e, mesmo sem a certeza de que elas vão florescer, elas estão sobre a terra. Quem sabe se vamos comer uma frutinha dessa semente? Mas que tenhamos a esperança potente das sementes."



**“
Precisamos falar de cultura alimentar,
pensar, desenhar, escrever, fazer video
map, colocar na parede do museu,
fazer instalação, ocupar o chão,
ocupar a rua. Cultura alimentar
não é só cozinhar.”**

ANIKÉ PELLEGRINI



Capacitação
em tempos Digitais



Clique e ouça

A seguir, temos as principais falas de Aniké Pellegrini para o programa Somos Muitas, em que compartilha sua trajetória de forma afetiva e nos conduz ao planejamento de nossos processos.

"A minha mãe, Patrícia Durães, é uma pessoa muito encantadora. Ela tem ideias, ações, movimentações que são muito nobres e encantam muita gente. Tanto que encantam a mim também. Eu sou, sem dúvidas, a fã número zero dela. Quando eu tinha cerca de 14 anos e estava entrando de férias, ela me sugeriu duas opções: ficar em casa e curtir minhas férias da maneira que eu já costumava fazer, seja assistindo a filmes e a desenhos seja realizando outras atividades dentro de casa; ou experimentar o que eu gostaria de ser no futuro, ou seja, ter experiências de estágios nas áreas em que eu tinha interesse.

Na época, eu tinha interesse em confeitaria e **design** de interiores, mas com base nessa experiência, entendi que não era o caminho que eu queria seguir de verdade. E se eu tivesse ido por esses caminhos, talvez não desse muito certo.

Como uma mãe muito atenta aos meus interesses, digamos que consciente das coisas que eu mesma não sabia que eram do meu interesse, porque me observando de fora pôde perceber melhor, me propiciou um estágio em uma revista. Eu passei cerca de uma semana na redação de uma revista que trabalhava com moda, beleza e comportamento. E isso me encantou absurdamente, a ponto de eu querer fazer estágio novamente no ano seguinte e no outro. Essa oportunidade me abriu uma porta que guiou todo o meu caminho até aqui.

Posso dizer que, por mais que uma série de ações e oportunidades foram surgindo, as quais eu fui cavando e experimentando, tudo começou com a minha mãe, muito atenta a quem eu sou e ao que eu faço. Ela sempre trouxe para casa questionamentos muito latentes socialmente, que vão desde o cenário de fome no Brasil até as questões raciais e feministas; do jeitinho dela: muito doce. E fez com que todos esses assuntos influenciassem a mim e a minha irmã.

A partir disso, eu sou porque somos, no sentido literal dessa frase. Eu sou porque minha mãe é. E ela é porque minha vó e minha bisavó são. Tem toda uma construção matriarcal na minha família com exemplos de mulheres fortes, tais quais a minha mãe e as minhas avós, que nos garante uma rede de apoio, uma base para experimentar;

para ir e para voltar se der errado ou se não quiser mais; nos dá tempo de traçar outra rota e experimentar coisas diferentes. Existem mulheres muito fortes ao meu entorno, desde amigas a familiares, e todas elas são extremamente importantes no meu olhar, na minha perspectiva de mundo e na trajetória que eu traço para mim, para minha carreira, para minha vida.

Assim como minha mãe buscou oportunidades para que eu fosse fazer um estágio, coisa não tão comum entre jovens, que dirá entre jovens negros, meninas negras, eu sempre estive muito atenta às oportunidades que aparecem prontas e às oportunidades que eu pudesse cavar. Dessa maneira, aprendi a fazer **network** em contato com pessoas, estou sempre atenta a vagas de emprego, editais e outros eventos que eu possa fazer parte.

Por isso aproveitei várias oportunidades. Já participei de coletivo do Instituto Plano de Menina, que me possibilitou, por exemplo, ir a Washington (Estados Unidos) representá-lo na Conferência do Girl Up. Essa oportunidade só pôde ser aproveitada, porque minha mãe sempre me propiciou uma educação de ótima qualidade, o que me garantiu saber bem o inglês. Mas eu também sempre estive em busca de outras coisas. Com meu projeto, a residência artística Travessia, uma residência de experimentação artística coletiva para jovens artistas negros e indígenas do mercado independente, eu preciso buscar oportunidades para ampliá-lo. Faço isso enviando e-mails, conversando com pessoas presencialmente e bem na cara de pau: 'oi, tudo bem? Eu tenho um projeto. Ele é assim, assim ou

assado. E eu gostaria muito de conversar com você. Lógico que eu já venho com o motivo; aprendi a organizar todo esse discurso do que eu ofereço para alcançar essas oportunidades.

Outra oportunidade que tive foi a possibilidade de experimentar a escrita no site da revista *Capricho* em 2017, na Galera Capricho. A Galera Capricho é um grupo de 11 a 15 meninas de até 20 anos que podem escrever para o site durante um ano. Esse espaço me possibilitou experimentar, acertar, errar, entender o que eu gosto, aprender a fazer entrevistas, cobrir eventos e, assim, entender o mercado.

As oportunidades, às vezes, não são só as que chegam a nós diretamente, mas também as que chegam pelo nosso radarzinho ligado o tempo todo, visitando sites, redes sociais, páginas com assuntos congruentes ao que gostamos. E é preciso estar ligada para encontrar essas oportunidades tão valiosas que acabam moldando nossa carreira ou nossa perspectiva de mundo, entre outros paradigmas.

Quando se fala em 'capacitação', temos duas frentes de análise. Uma, que é o capacitar-se para fazer algo, para exercer determinados cargos, seguir determinadas carreiras, executar projetos, para seguir adiante; e a outra, que é o capacitar outros com base na bagagem de vida desenvolvida no nosso caminhar. A minha capacitação, especificamente, é caracterizada por muita mão na massa, muitas experiências, porque pude frequentar ambientes seguros que me permitiram aprender errando ou acertando.

E, quando errava, era corrigida de maneira muito respeitosa, muito construtiva. Em outros momentos, fui atrás de cursos ou atividades para aprender de maneira mais formal. Aprendi tanto pelo caminho independente, quanto por dentro de agências e instituições. Em cada lugar aprendi um pouquinho sobre tudo o que eu faço hoje. Assim que entendi que havia um conhecimento já formado, independentemente de ter apenas 22 anos, compreendi que havia ali algo a ser compartilhado com outros. Eu poderia partilhar o que eu sabia sobre marketing digital e escrita, que são as duas frentes em que trabalho, com amigos e com outras pessoas a quem eu ainda não tinha acesso, mas já existiam meios de eu alcançá-las.

Hoje em dia, sou redatora e trabalho como *social media*, função também conhecida por *Community manager*, responsável por cuidar tanto das redes sociais por meio das postagens quanto das pessoas que interagem por esse meio, respondendo a comentários. Já pude compartilhar meus conhecimentos nessas áreas em instituições como o Coalizão Éditodos, o Festival Feira Preta, entre outras plataformas-ponte, que unem quem sabe a quem quer saber.

Logicamente, tudo o que eu sei até aqui é só uma parcela de tudo o que podemos saber sobre o mundo digital. E continuo meu processo de capacitação por meio do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde foco em análise do discurso. Atualmente, o meu campo de pesquisa é mais focado em análise do discurso digital e procuro estudar não apenas o discurso em si, mas o que as pessoas estão

falando na internet, a forma de escrita empregada, os gêneros que existem nesse meio etc. Gênero, nesse caso, são as estruturas de comunicação que vão desde um *tweet*, um *e-mail*, um *publipost* a um *unboxing*. E esse estudo vai dando continuidade ao meu aprendizado sobre o ambiente digital, as redes sociais e *social media* em geral.

Além disso, eu entendo que processos de capacitação são muito importantes. **Como nesse processo de capacitação ouvimos ou lemos bastante, às vezes tudo o que se tem é o conhecimento adquirido. Se tirarem de nós bens ou outras coisas materiais, o que fica é o nosso conhecimento.** E a partir dele se pode construir outros caminhos, outras oportunidades, outros processos, da mesma forma que saber inglês me possibilitou uma experiência rica e saber fazer uma análise crítica de determinadas situações me possibilitou outras vivências. O que vivemos é construção, aprendizado. Pode ser em forma de cursos, atividades e conversas com outras pessoas, com quem aprendemos ouvindo e experimentando.

Capacitar é uma via de mão dupla. É um fluxo que vem e um que vai, como diz uma amiga minha. Dessa forma, aprendemos, mas também ensinamos. Do mesmo jeito, enquanto ensinamos, aprendemos muito. Nesse momento podem ser apontadas perspectivas que não conhecíamos, diferentes maneiras de enxergar o que estamos

ensinando, discordantes das que vemos. Por exemplo, pude ensinar um pouquinho sobre *marketing* digital para algumas empreendedoras que foram acatadas por um projeto da Coalizão Éditodos, e foi um processo muito legal. Primeiro porque eu não sabia que eu sabia tanto sobre redes sociais e *marketing* digital. Segundo porque, às vezes, achamos que o que sabemos não é relevante, mas até o óbvio precisa ser dito, como diz outra amiga minha. E um pouquinho do meu papel ali foi ensinar tanto o que era óbvio para mim como as coisas que eu desenvolvi a partir da prática e da experiência. São temas que passam pelo processo de planejamento de estratégia, mas também entram no entendimento das plataformas, ou seja, como um algoritmo atua, a forma como o Instagram ou o Facebook funcionam, as diferenças entre as plataformas etc. Além disso, há o processo de estética, da organização da informação, do fluxo de raciocínio, da entrega dessa informação; todo esse conteúdo foi um pouquinho do que eu pude entregar durante o ensino na Coalizão Éditodos, e que foi maravilhoso. Recebi muitas devolutivas sobre o processo ter, efetivamente, gerado transformações para alguns projetos. Depois, acompanhando essas pessoas, vi algumas delas colocando esse conhecimento em prática e gerando frutos a partir disso. E ver outras pessoas gerando frutos com base no que você ensinou é impagável, é maravilhoso.

Como uma boa integrante da geração Z, uma característica que eu tenho muito intrínseca em mim é saber o que eu não quero. E foi algo que, trabalhando em diferentes projetos com diferentes temáticas e em diferentes cargos – redatora,

Community manager, produção, atendimento, entre outros cargos relacionados a outras etapas do processo –, pude entender a importância de saber o que se quer, mas sobretudo de saber o que não se quer. Esse autoconhecimento nos economiza, às vezes, grandes frustrações ou até nos previne de doenças que podem ser causadas de forma psicossomática. Por causa disso, hoje eu tenho uma lista das coisas que eu não faço, além da lista das coisas que eu faço. Porque quando ingressamos em empresas, em projetos, recebemos um escopo de atuação. Faz parte de nosso profissionalismo entregar para essa empresa nosso escopo de não atuação, que vai nos proteger nesses ambientes e resguardar a nossa saúde.

Apesar de apresentarmos esse escopo do que não fazemos, às vezes o acordo acaba sendo violado e, nesses momentos, aprendi a pegar o meu banquinho e sair de fininho para me prevenir de outras complicações e me proteger de determinadas situações. Dessa maneira, é a primeira vez que eu atinjo um ano em uma mesma empresa, que eu vou tirar férias, mas não me arrependo de ter saído de outras, de não ter completado um ano, de não ter tirado as minhas férias em outros lugares. Isso porque permanecer em um ambiente pode significar desenvolver complicações até mesmo psicológicas, nos levando a complicações que refletem no nosso corpo físico.

Eu tenho essa característica muito marcante. As situações pelas quais eu passo sempre refletem em algum lugar do meu corpo. Pode ser na maneira como me alimento, no meu peso, nas minhas unhas ou nos meus cabelos. Também

é preciso saber ouvir essas mensagens que o corpo dá, porque elas nos mostram a hora de pegar o banquinho e sair de fininho, de pedir a nossa saída. É lógico que nem sempre estamos em posição de retirada. Às vezes não podemos deixar de contar com determinados empregos, com determinados salários e remunerações. Nesses casos, precisamos aprender a lidar com essas situações. Mas é importante também saber que não precisamos saber lidar com todas as situações. Nesses casos, a solução é mesmo se retirar, porque nem todo ambiente é para nós, nem todo cargo é para nós e existe, sim, alguma coisa em que vamos nos encaixar. Não perfeitamente, mas vamos nos encaixar muito bem, tal qual peças de quebra-cabeça.

O que me faz esperar hoje, ainda mais depois desses dois anos de cenário pandêmico e de eleições, é observar a construção da minha mãe. Durante sua trajetória de vida, ela sempre fez muitas coisas diferentes. Ela já passou por altos bem altos, baixos bem baixos e hoje eu a vejo conquistando muitas das coisas que ela sempre sonhou, recebendo muita credibilidade pelo que faz, a como atual e por suas falas.

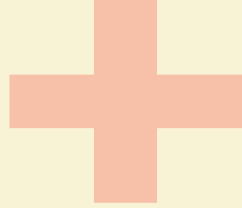
E ver que podemos, sim, colher os frutos de tudo o que plantamos é maravilhoso. Eu tenho uma residência artística, como falei, e hoje eu planto as sementes dela. Já é um projeto de dois anos e eu sei que, fazendo as coisas aos pouquinhos, de acordo com o ritmo do próprio projeto, eu estou criando não uma flor, nem uma grama, mas uma árvore de raízes muito sólidas, muito firmes e que vai me gerar frutos. Lógico que leva tempo para

isso acontecer, mas, por meio da minha mãe, eu vejo que esse tempo vale a pena, que plantamos uma árvore de raízes sólidas, de folhas verdes, frutos maduros que vamos colher. Por isso vale muito à pena cada tempo, cada momento que regamos, cada nutriente que colocamos. E mesmo que se mude de caminho, às vezes não é uma árvore nova, é só um galho diferente dessa única árvore que estamos construindo.

Nesse caso, Patrícia Durães é que me faz esperar. Minha mãe me faz esperar, assim como a minha irmã, que é para quem eu mostro tudo o que estou construindo, com quem eu divido um pouquinho do que eu estou plantando. E mostro para ela também os caminhos, a fim de que ela construa a árvore dela.

Se somos muitas, é lógico que vai ter para todo mundo. Mas só vai ter a partir do momento em que dividirmos. Eu sou uma pessoa que acredita na frase 'quem divide, multiplica'. Passei um período da pandemia em uma casa coletiva, onde pude entender na prática como dividir multiplica. Às vezes uma couve pode virar um mexidão se cada um entrar com uma coisa no preparo daquele prato. Uma salada vira uma supersalada, porque cada um entra com um pouquinho de ingrediente, que vai fazer desse pouquinho um tantão para todo mundo. E, desse jeito, acabamos tendo mais diversidade, multiplicidade. Em uma salada que seria, por exemplo, de alface, passa a ser composta de vários elementos diferentes para comermos com outras pessoas. Não só passamos a ter mais, mas a dividir nesse ambiente. Olhamos

para o lado e identificamos pessoas como nós. E isso é uma das coisas mais importantes, porque precisamos ter pares para dividir as frustrações, as conquistas, as alegrias, as dores e as tristezas. E só sendo muitas é que podemos fazer isso.”



**“
Como nesse processo de capacitação
ouvimos ou lemos bastante, às vezes
tudo o que se tem é o conhecimento
adquirido. Se tirarem de nós bens ou
outras coisas materiais, o que fica é
o nosso conhecimento..”**

DIÁLOGOS 2022

SOMOS MUITAS!

Idealização e Coordenação

Instituto Tomie Ohtake

Presidente Instituto Tomie Ohtake

Ricardo Ohtake

Núcleo de Cultura e Participação

Diretora Carol Tonetti

Coordenação de Projetos

Fernanda L. Beraldi

Coordenação de Acessibilidade

Claudio Rubino

Assistente Administrativa

Jane Santos

Coordenação Projetos Socioculturais

Vera Nunes

Coordenação Adjunta Projetos

Socioculturais

Dara Roberto

Coordenação Somos Muitas

Renata Araújo

Assistência de Produção

Ananda Vieira

Curadoria

Renata Araújo

Vera Nunes

Identidade Visual

Felipe Carnevalli

Viviane Lamana

Design Gráfico da Publicação

Karina Mignoni

Laryssa Ramos

Edição Audiovisual

Ricardo Miyada

Roteiros dos Vídeos

Renata Araújo

Narração dos Vídeos

Renata Araújo

Música

Juliana Keyko

Mixagem de Som

Flávia Fontolan

Intérpretes de Libras e Legenda

Ponte Acessibilidade

Comunicação

Flávio Silva

Vaneska Rezende

Assessoria de imprensa

Pool de Comunicação

Flávio Silva

Marcy Junqueira

Martim Pelisson

Orientadoras Videoaulas

Adriana Brandão

Daniele Torres

Isa Meirelles

Luísa de Paula

Marília Bonas

Mirella Maria

Neon Cunha

Desenvolvedor de Web

Evandro Costa

Julio Oliveira

Yan Ragede

Webdesigner
Renan Santos

Facilitador Técnico Encontros Síncronos
Beatriz Sousa
Yan Ragede

Convidadas Encontros Síncronos
Gabriela Moulin
Luciana Medeiros
Mayara Carvalho
Regina Rosa

Plantão de Dúvidas
Dara Roberto
Renata Araújo
Vera Nunes

Convidadas Podcast
Dara Roberto
Kelly Adriano
Kelly Castilho
Luciana Viégas
Priscila Gama
Regina Rosa
Vera Nunes

Roteiro Podcast
Renata Araújo
Vera Nunes

Edição de áudio Podcast
Ricardo Miyada

Convidadas Video Pílulas e Textos
da Publicação
Aniké Pellegrini
Elaine Hazin
Priscila Tapajowara
Regina Rosa
Tainá Marajoara

Organização e Edição da Publicação
Renata Araújo

Revisão de textos
Penelope Brito

Narração para Versão Acessível
Lívia Simardi

Edição de áudio
Bruno Pucci

Transcrição
Audiotext

Patrocínio
Carrefour

Parceiros Institucionais do Núcleo
de Cultura e Participação
Kapitalo
Unigel
Syn Prop Tech

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente Estatutário
Ricardo Ohtake

Conselho Deliberativo
Flávia Almeida presidente
Tito Enrique da Silva Neto vice-presidente
Altamiro Boscoli
Antonio Meyer
Aurea Vieira
Daniela Villela
Fernando Morais
Fernando Shimidt
Heitor Martins
Jandaraci Araujo
João Vieira da Costa
Lília Moritz Schwarcz
Luciana Trajano
Marlui Miranda
Paula Mello da Rocha Azevedo
Renata Motta

Roberto Miranda de Lima
Rodrigo Bresser-Pereira
Sergio Gusmão Suchodolski
Sueli Carneiro
Walter Appel

Conselho Fiscal
Miguel Gutierrez
Patricia Verderesi
Sérgio Miyazaki

Núcleo de Pesquisa e Curadoria
Paulo Miyada curador-chefe
Priscyla Gomes
Julia Cavazzini
Diego Mauro

Núcleo de Cultura e Participação
Carol Tonetti diretora
Ana Karina Nogueira
Andrea Lalli de Freitas
Claudio Rubino
Dara Roberto
Divina Prado
Fernanda Beraldi
Guilherme de Lima
Jane Santos
Jordana Braz
Kaya Fernanda Vallim
Natália Vinhal
Natame Diniz
Renata Araújo
Sabrina Fontenele
Vera Nunes

Núcleo de Produção de
Exposições e Projetos
Vitoria Arruda diretora
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Lígia Pedra
Lucas Fabrizzio
Pedro Lemme

Ricardo Miyada
Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e Desenvolvimento
Institucional
Gabriela Moulin diretora

Administração
Bruno Damaceno
Carlito Oliveira Júnior
Ollyver Silva Martins aprendiz
Tatiane Romani
Willian dos Santos

Projetos
Beatriz Saghaard
Beatriz Lima de Jesus aprendiz

Captação
Julia Bergamasco
Ana Paula Silva
Rafael Pinheiro

Designer
Vitor Cesar Junior
Felipe Carnevalli de Brot

Tecnologia da Informação
Wesley Pereira da Silva

Secretaria
Maria de Fátima Rocha

Comunicação
Flávio Silva
Vaneska Rezende

Assessoria de Imprensa
Pool de Comunicação
Marcy Junqueira
Martim Pelisson

Coordenação Operacional
Marcos Sutani

Apoio

Alessandro Oliveira
Bruna Silva
Cristiane Aparecida Santos
Edmilson Pereira
Edna Cristina Simão
Edson José
Elcio Borges
Eliane Karsch Firmino
Elza Martins
Fábio Araújo
Jonas Pires
Leticia Ribeiro da Silva
Marcelo Mariano
Raiana Ramos
Silvia Regina
Steven Washington
Tainara de Jesus Veloso
Vandoclécio Vicente

Técnica

Adilson Oliveira
Jacildo A. Paula
Silvio S. Lima
Jeferson Souza

Serviços Gerais

Elizandro Ferreira
Maria Aparecida da Silva
Maria Severina Gomes
Sebastião Alves Silva
Jairo Nascimento
Luciene Monteiro

Zelador

Aroldo Eça
Valdir Ramos

Agradecimentos:

Cláudio Rubino
Mayara Paiva

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Somos muitas! [livro eletrônico] : diálogos /
coordenação Renata Araújo...[et al.]. --
1. ed. -- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake,
2022.
PDF.

Outros coordenadores: Dara Roberto, Vera Nunes,
Carol Tonetti.

ISBN 978-65-89342-25-0

1. Arte e cultura 2. Mulheres artistas
3. Mulheres - Condições sociais 4. Produção
cultural I. Araújo, Renata. II. Roberto, Dara.
III. Nunes, Vera. IV. Tonetti, Carol.

22-137946

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





PATROCÍNIO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS DO
NÚCLEO DE CULTURA E PARTICIPAÇÃO



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO



REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Pronac: 203086